

protagonistas

da imprensa brasileira

A opinião de quem decide

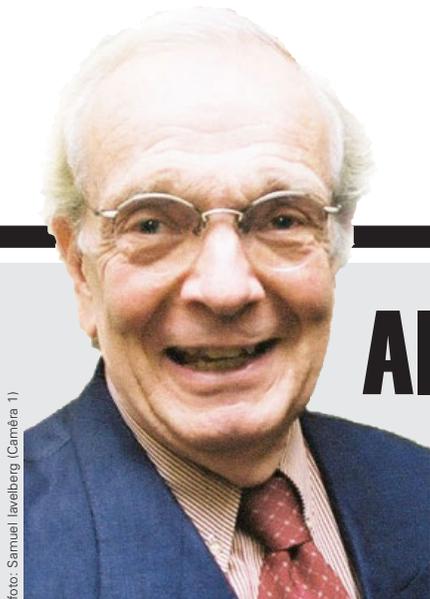


foto: Samuel Javelberg (Câmara 1)

Alberto Dines “O jornalismo de resultados está matando o Jornalismo”

Contente, satisfeito com o jornalismo brasileiro, ele não está mesmo. Longe disso. Mas ainda assim não consegue passar um dia sem ler Folha, Estadão, O Globo, Valor Econômico e alguns inter-

nacionais como El País, The Economist, sem contar as principais revistas. Faz isso por obrigação, com toda certeza, até para alimentar seus comentários e críticas para o imprescindível Observatório da Imprensa. Mas também o faz por paixão – paixão pela informação, pelo jornalismo, pela notícia, pela reportagem. E apesar de ver coisas boas, é cético quando o assunto é competição: “A verdadeira competição jornalística, de conteúdo, porque ela é que faz o veículo, não existe mais”. E mais cético ainda quanto à qualidade jornalística, que considera muito aquém do razoável e que seria fruto da visão pragmática que dominou o cenário da imprensa brasileira nas últimas décadas. É o que ele chama de “jornalismo de resultados”; ou seja, um jornalismo burocrático, sem alma, sem pegada, mas bom financeiramente para as empresas

de comunicação. Incisivo, diz sem meias palavras: “O chamado jornalismo de resultados está matando o Jornalismo”. Esse é o **Alberto Dines** que fomos encontrar numa tarde chuvosa de janeiro no bairro paulistano da Vila Madalena, em meio ao que o nosso convidado, **Ricardo Kotscho**, carinhosamente batizou de *A toca do Dines*, tantos são os livros e estantes dispostos pelos cerca de 150 m² de espaço interior, sem falar do *container* também abarrotado de livros que ele pôs no Jardim, dando à *toca* um toque pitoresco. O detalhe é que a casa-biblioteca, que também é seu escritório, está a duas quadras de onde mora, o que facilita imensamente o seu dia-a-dia, sem misturar os canais. Vai e volta do trabalho a pé, sonho de consumo de dez entre dez paulistanos – e também de dez entre dez cariocas que, como ele, escolheram São Paulo para viver.

Dines completa 77 anos nesta 5ª. feira (19/2), data que escolhemos para publicar este especial, de um lado presenteando nossos leitores com uma entrevista crítica e da mais alta qualidade, e, de outro, homenageando esse brasileiro de origem polonesa, russa e judaica que se diz agnóstico, embora respeite e admire a religião; que, apesar das quase oito décadas de vida, diz ter garra para dirigir

um diário, se a ele essa oportunidade ainda for dada; que foi pioneiro na crítica da mídia com o *Jornal dos Jornais*, na Folha de S. Paulo, em 1975, prosseguindo depois com o Observatório da Imprensa, para o qual trabalha já há 13 anos, de segunda a domingo, considerando as versões rádio, internet e tevê; que teve papel relevante num dos mais belos períodos da história do jornalismo brasileiro, na consolidação da reforma do Jornal do Brasil nos anos 60; que deixou de ter carteira assinada em 1995, ao sair do jornal português Expresso, em Lisboa, para onde se mudara em 1988 para lá lançar diversos títulos da Editora Abril; e que, mesmo sob o risco de inimizades eternas, em momento algum se furtou a fazer a crítica da mídia ou ao corporativismo, por considerar essa uma de suas mais relevantes missões no Jornalismo.

Já não defende, como fez antigamente de forma pública, a obrigatoriedade do diploma para o exercício do Jornalismo por entender que o tempo passou e a obrigatoriedade não ensejou a melhoria na qualidade do ensino, como seria de se esperar, mas apenas ajudou as faculdades, verdadeiras fábricas de diploma, a ganharem dinheiro. Nem crê que o jornalismo brasileiro possa se revigorar, diante de um cenário em que os próprios donos dos veículos se acomodaram, levando de roldão os seus colaboradores – colaboradores que, na opinião dele, precisariam ser mais ousados para inovar e quebrar paradigmas.

Preocupado, tão logo chegamos para a entrevista alertou-nos sobre a eventual falta de conforto de sua *toca*, como se jornalista não gostasse de estar rodeado de livros, de saber e de uma boa conver-

sa. Mas se havia algum receio esse logo se dissipou com a simpatia de **Norma Couri**, sua mulher, sócia e fiel escudeira. Com um largo sorriso, nos recebeu e logo nos encaminhou para o núcleo da *toca*, não sem antes preparar um café, acompanhado de sucos e biscoitos, e então se retirar, para nos deixar inteiramente à vontade. Norma, vale um parêntese, começou a frequentar a vida de Dines muito antes de se casarem. Foi aluna dele na PUC-Rio, quando ambos ainda estavam em outros casamentos; depois trabalharam juntos por um período no Jornal do Brasil, embora sem relação direta; e voltaram a se encontrar no exterior, na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, onde ele foi professor visitante. Ou seja, encontraram-se nessas e em diversas outras oportunidades ao longo da carreira, por força de compromissos profissionais, até que se enamoraram e se casaram.

Kotscho, nosso convidado especial e principal incentivador dessa entrevista (“Ah, o Kotscho vem? Então vou mandar lavar o tapete vermelho para recebê-lo”, brincou Dines), foi o primeiro a chegar e a se impressionar com o que viu: corredores de estantes, centenas de livros, uma casa-biblioteca, com obras sobre a história do Jornalismo, o Cinema, a Inquisição, a Caricatura e o escritor austríaco Stefan Zweig, que viveu e morreu no Brasil nos anos 40 e que foi biografado por Dines, em Português, Alemão e Espanhol, com edições sempre renovadas e atualizadas – como, segundo ele, deve ser uma biografia, já que ela nunca é definitiva, tantos são os fatos novos que vão aparecendo cotidianamente, a partir da publicação da primeira edição. A Kotscho se somaram os três integrantes da

equipe de Jornalistas&Cia: o diretor **Eduardo Ribeiro**, o editor-executivo **Wilson Barancelli** e o (privilegiado) estagiário **Luiz Gustavo Anversa**, responsável pelas fotos. Tivemos a agradável sensação de que, mais do que falar da história do Jornalismo, estávamos todos nós, ali, também fazendo parte dessa história, ao ouvir um dos personagens mais importantes e respeitados do jornalismo brasileiro contemporâneo. Homem dos sete instrumentos (faz rádio, tevê, internet, jornal, livros), domina diversos idiomas (Português, Inglês, Francês, Ídiche e Espanhol, entre outros), tem vasta cultura e um imenso conhecimento das vísceras de nosso jornalismo, desde o seu nascimento até os dias atuais. Um homem polêmico, que adora a polêmica, mas a polêmica de alto nível, como as praticadas pelos escritores Jorge Luis Borges e Ernesto Sabato, anos atrás, na Argentina, e que estão registradas no livro *Borges/Sabato – Diálogos* (Editora Globo). E que teve o privilégio de conhecer, nos anos 50, na sede da ABI, no Rio de Janeiro, o maestro Villa Lobos, que ali sempre ia para jogar sinuca com os amigos – Dines era então muito jovem. Tínhamos duas horas prometidas, mas arrancamos quase três, numa entrevista nascida com quase 80 questões e que, ao final, registrou nada menos do que 200 intervenções.

Com paciência e bom humor, Dines respondeu com a sinceridade habitual a todas as questões, com duas exceções. A pergunta que buscou tirar dele uma reportagem memorável (“Essa prefiro passar”, disse); e a que encerraria a entrevista – Um sonho –, brusca e bem-humoradamente interrompida por Kotscho, que respondeu em nome dele: “Que me deixem em paz, terminem essa entrevista...”

de comunicação. Incisivo, diz sem meias palavras: “O chamado jornalismo de resultados está matando o Jornalismo”.

Esse é o **Alberto Dines** que fomos encontrar numa tarde chuvosa de janeiro no bairro paulistano da Vila Madalena, em meio ao que o nosso convidado, **Ricardo Kotscho**, carinhosamente batizou de *A toca do Dines*, tantos são os livros e estantes dispostos pelos cerca de 150 m² de espaço interior, sem falar do *container* também abarrotado de livros que ele pôs no Jardim, dando à *toca* um toque pitoresco. O detalhe é que a casa-biblioteca, que também é seu escritório, está a duas quadras de onde mora, o que facilita imensamente o seu dia-a-dia, sem misturar os canais. Vai e volta do trabalho a pé, sonho de consumo de dez entre dez paulistanos – e também de dez entre dez cariocas que, como ele, escolheram São Paulo para viver.

Dines completa 77 anos nesta 5ª. feira (19/2), data que escolhemos para publicar este especial, de um lado presenteando nossos leitores com uma entrevista crítica e da mais alta qualidade, e, de outro, homenageando esse brasileiro de origem polonesa, russa e judaica que se diz agnóstico, embora respeite e admire a religião; que, apesar das quase oito décadas de vida, diz ter garra para dirigir

um diário, se a ele essa oportunidade ainda for dada; que foi pioneiro na crítica da mídia com o *Jornal dos Jornais*, na Folha de S. Paulo, em 1975, prosseguindo depois com o Observatório da Imprensa, para o qual trabalha já há 13 anos, de segunda a domingo, considerando as versões rádio, internet e tevê; que teve papel relevante num dos mais belos períodos da história do jornalismo brasileiro, na consolidação da reforma do Jornal do Brasil nos anos 60; que deixou de ter carteira assinada em 1995, ao sair do jornal português Expresso, em Lisboa, para onde se mudara em 1988 para lá lançar diversos títulos da Editora Abril; e que, mesmo sob o risco de inimizades eternas, em momento algum se furtou a fazer a crítica da mídia ou ao corporativismo, por considerar essa uma de suas mais relevantes missões no Jornalismo.

Já não defende, como fez antigamente de forma pública, a obrigatoriedade do diploma para o exercício do Jornalismo por entender que o tempo passou e a obrigatoriedade não ensejou a melhoria na qualidade do ensino, como seria de se esperar, mas apenas ajudou as faculdades, verdadeiras fábricas de diploma, a ganharem dinheiro. Nem crê que o jornalismo brasileiro possa se revigorar, diante de um cenário em que os próprios donos dos veículos se acomodaram, levando de roldão os seus colaboradores – colaboradores que, na opinião dele, precisariam ser mais ousados para inovar e quebrar paradigmas.

Preocupado, tão logo chegamos para a entrevista alertou-nos sobre a eventual falta de conforto de sua *toca*, como se jornalista não gostasse de estar rodeado de livros, de saber e de uma boa conver-

sa. Mas se havia algum receio esse logo se dissipou com a simpatia de **Norma Couri**, sua mulher, sócia e fiel escudeira. Com um largo sorriso, nos recebeu e logo nos encaminhou para o núcleo da *toca*, não sem antes preparar um café, acompanhado de sucos e biscoitos, e então se retirar, para nos deixar inteiramente à vontade. Norma, vale um parêntese, começou a frequentar a vida de Dines muito antes de se casarem. Foi aluna dele na PUC-Rio, quando ambos ainda estavam em outros casamentos; depois trabalharam juntos por um período no Jornal do Brasil, embora sem relação direta; e voltaram a se encontrar no exterior, na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, onde ele foi professor visitante. Ou seja, encontraram-se nessas e em diversas outras oportunidades ao longo da carreira, por força de compromissos profissionais, até que se enamoraram e se casaram.

Kotscho, nosso convidado especial e principal incentivador dessa entrevista (“Ah, o Kotscho vem? Então vou mandar lavar o tapete vermelho para recebê-lo”, brincou Dines), foi o primeiro a chegar e a se impressionar com o que viu: corredores de estantes, centenas de livros, uma casa-biblioteca, com obras sobre a história do Jornalismo, o Cinema, a Inquisição, a Caricatura e o escritor austríaco Stefan Zweig, que viveu e morreu no Brasil nos anos 40 e que foi biografado por Dines, em Português, Alemão e Espanhol, com edições sempre renovadas e atualizadas – como, segundo ele, deve ser uma biografia, já que ela nunca é definitiva, tantos são os fatos novos que vão aparecendo cotidianamente, a partir da publicação da primeira edição. A Kotscho se somaram os três integrantes da



Barancelli (esquerda), Eduardo, Kotscho e Dines

Boa leitura!



Alberto Dines

Jornalistas&Cia/Protagonistas – O jornalista brasileiro contemporâneo é de qualidade? Quais virtudes você apontaria nele e onde residiriam as maiores fragilidades?

Alberto Dines – Pronto, a entrevista vai levar uma semana! (risos)

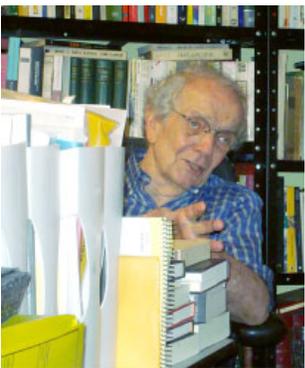
J&Cia/P – Pra começar, é pouco...

Dines – O problema de qualidade é relativo. Comparado com o quê? Comparado com o New York Times? Com El País? Se for usar El País como paradigma, estamos ferrados. Estou usando El País porque o espanhol é uma língua que dominamos mais ou menos bem e hoje ele é entregue na sua casa de manhã cedo, junto com a Folha ou o Estado, se você quiser. É caro, mas... Então, você tem como comparar. Comparado com El País, a gente lamenta, porque eles conseguem ser bons com uma edição, em formato tablóide, na cobertura espanhola, latinoamericana, mundial, cultural e esportiva. Eu não acompanho futebol, mas eles cobrem muito bem o futebol espanhol e até as touradas. Comparado com esse paradigma, nós estamos muito...

J&Cia/P – Muito aquém?

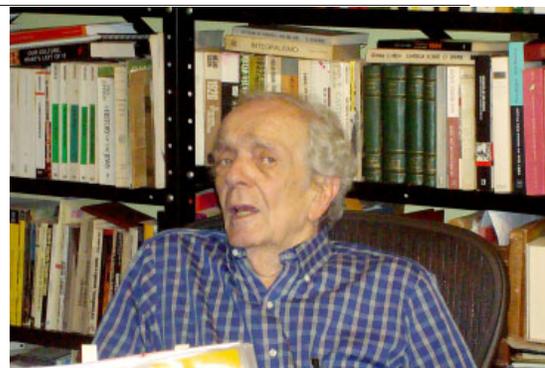
Dines – Mas muito, muito, muito...

consequência da greve dos jornalistas. Estou falando coisas das quais sou testemunha. Os donos de jornais, que não se falavam... Aquele Homem de Montes [José Maria] – que acho que era Bergman, mas trocou de nome – era superintendente do Estadão e falava com o Caldeira [Carlos Caldeira Filho], sócio do Frias [Octavio Frias de Oliveira]. Mas os Mesquita não falavam com o Frias. O Brito (Manoel Francisco do Nascimento Brito), lá no Rio, não falava com o Roberto Marinho, mas tinha o Chagas Freitas [Francisco Chagas Freitas – N. da R.]: ex-governador do Rio de Janeiro, que falava com os dois. Eles não se reuniam. Mas aí, de repente, surgiram uns malucos que resolveram fazer a greve dos jornalistas. Isso – é importante dizer – parece que não tem nada a ver com qualidade, mas tem. Hoje, quase todos esses grevistas de 79 são mais patronais que... Não vou dar nomes porque



J&Cia/P – Comparado com o próprio Brasil de tempos atrás...

Dines – Ah, também perde! Pegue qualquer produto que esteja hoje em circulação, O Globo de hoje e O Globo de poucos anos atrás. É uma perda de qualidade que, digamos, foi opcional. Não foi casual, não foi corte. Eles tomaram uma posição estratégica: “Vamos baixar, vamos tocar duas oitavas abaixo”. E eu estou falando do caso do Globo, porque o concorrente real dele é O Dia: “Então, vamos tocar as oitavas compatíveis com O Dia”. São essas coisas estratégicas, o chamado “jornalismo de resultados”, que estão matando o Jornalismo. Estão matando mesmo. No Brasil, muito. Porque se o New York Times chega e resolve baixar o nível, tudo bem. O nível estava tão lá em cima, caiu um pouco e estamos conversados. Mas aqui, quando a coisa já era ruim e resolvem baixar, é trágico. E aí tem outro problema mais sério, que é o de que não temos concorrência real. Estou falando dos três grandes, em que não há competição. Eles abdicaram de competir. Competem nos Classificados, mas é tabela de preços e coisas do gênero. Volume, “vou fazer um pre-



ço camarada para você.” Mas a verdadeira competição jornalística, de conteúdo, porque ela é que faz o veículo, não existe mais. Há um acerto, certamente não escrito, de que eles não brigam mais, não discutem mais, não se discute mais o Jornalismo.

J&Cia/P – Dá para identificar quando isso começou?

Dines – Veio devagar, mas posso dizer exatamente quando começou, porque sou testemunha ocular. Foi na greve dos jornalistas de 1979. Logo em seguida, em 80, foi criada a ANJ (Associação Nacional de Jornais), como

eu estava do outro lado. Eu, Cláudio Abramo... Nós dizíamos: “Vocês são malucos, vocês é que vão pagar”. Nesse momento foi criada a ANJ para resolver as animosidades. A nova geração começou a se entender – eu, de novo, sou testemunha disso; assisti, trouxe, aproximei, porque eu conhecia todo mundo, me pediram, eu era chefe da sucursal da Folha no Rio de Janeiro e recebi algumas atribuições. Então, as novas gerações se aproximaram. O Josa, José Antônio Nascimento Brito, começou a falar com os filhos do Roberto Marinho, sobretudo com o João Roberto. Também o Otavinho, o Otávio Frias Filho, começou a falar com os Mesquita, e aí, nesse nível, eles começaram a se entender e criou-se a ANJ, com a Veja. Não tinha a Aner (Associação Nacional dos Editores de Revista) naquela época. Eles combinaram um acerto. E a partir desse acerto, que era para evitar outras greves, começaram a se entender. Tudo bem, acho normal que empresas tenham um diálogo entre si, mínimo. Mas o crescimento desse diálogo os foi levando a posições extremas, e hoje não há mais competição, a verdadeira competição.

J&Cia/P – Você, que pesquisa tanto e observa, consegue apontar o período áureo do jornalismo brasileiro?

Dines – É difícil. Por exemplo, houve momentos em que se estava sob regime militar, dominado pelo controle político do governo, mas os jornais conseguiram se desenvolver, competir, melhorar a qualidade intrínseca. Foi quando, no Rio, O Globo resolveu ir para o domingo e o JB, para a 2ª.feira. Aí foi uma competição espetacular!

J&Cia/P – Em que ano foi?

Dines – Entre 68 e 73, que eu me lembro, não sei precisar. Isso é competição, apostar em qualidade. E aí foi espetacular. Todo mundo saiu ganhando. Os jornais e os jornalistas. É claro que não competiram em cobertura política, porque defendiam as mesmas posições.

Kotscho – Isso no Rio. E em São Paulo?

Dines – Em São Paulo acho que foi bem antes. Acho que foi quando o Estadão criou o Jornal da Tarde, botou pra quebrar com qualidade. Apostou em conteúdo com uma nova geração. Que foi buscar no JB, diga-se de passagem. Murilinho... {N. da R.: Murilo Felisberto, redator-chefe e depois diretor de Redação do Jornal da Tarde}, todo mundo, estava lá.

J&Cia/P – Um pouco a Abril com Realidade...

Dines – Ah, sim. Isso é outro capítulo, porque não foi competição. A Abril entrou e reverteu.

O pólo jornalístico paulista deve muito, muitíssimo à entrada da Abril no campo das revistas adultas. Porque a editora tinha infantis, Manequim e coisas do gênero. Ela entrou com revistas adultas – Quatro Rodas, melhoria da Cláudia, Realidade e Veja. Aí mudou o quadro. A imprensa de São Paulo – temos que reconhecer isso – tinha méritos extraordinários na parte cultural, mas era provinciana. A começar com um dado claro: as notícias do Rio, quando ainda era a Capital, tinham primazia sobre o noticiário local. Há casos que eu acompanhei, incriveis. Esse meu personagem, que acompanho há tantos anos, o Stefan Zweig (N. da R.: escritor austríaco que se apaixonou pelo Brasil, escreveu um livro sobre o País e morou em Petrópolis/RJ os cinco últimos meses de sua vida – entre setembro de 1941 e fevereiro de 1942), chegou ao Rio, foi festejado e o Estadão fez a cobertura. Quando ele foi para São Paulo, não saiu uma linha! Ele estava disponível e ninguém fez nada. Por quê? Porque ela [a imprensa paulista] tinha se acomodado. Mas aí reverteu. O Jornal da Tarde deu a grande virada e mais ou menos nessa

mesma época – o JT é de 65, as datas exatamente eu não sei, mas já acompanhava porque era amigo do Roberto Civita – a Abril entrou bombando em São Paulo e o quadro mudou. Aí houve competição, mas num segmento novo, que era o das revistas noticiosas. Porque o que o Rio tinha...

Kotscho – Só para lembrar, Dines, nessa mesma época o Cláudio Abramo saiu do Estadão e foi para a Folha. E daí a Folha começou a se tornar um jornal, que não era, não tinha...

Dines – Ele foi para Folha antes de 68.

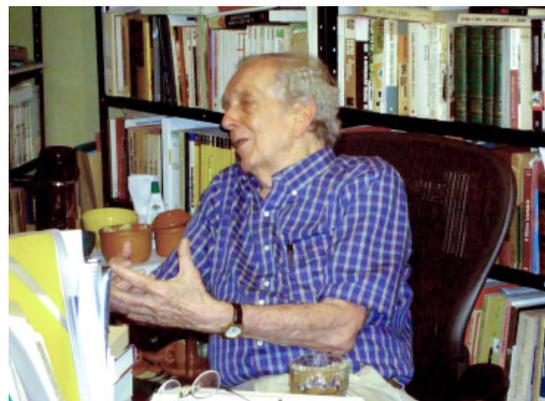
Kotscho – Jornal da Tarde, Realidade, Abramo na Folha, foi aí mais ou menos que se deu a competição, em 68.

J&Cia/P – Coincide também com um monte de coisas importantes...

Dines – Mas, em suma, voltando, hoje não temos competição. Temos talvez uns rasgos... Nessa coisa de Gaza, por exemplo, a Folha – eu acho, pode ser que mude –, está dando um banho. Não só noticiosamente, com material de suporte, mas opinativamente. O Estadão está perdido, não sei por que, mas está

perdido. Assim, há pequenos espasmos de competitividade. Mas disposição de lutar, de debater, de um defender uma posição diferente da do outro... Quando o Lula, nessa entrevista tão diminuída da piauí (N. da R.: publicada na edição de janeiro da revista), fala do pensamento único e não sei o quê, acaba tendo razão. Pegue os colonistas diários, todos, não há uma escolha diferenciada – aliás, eles são escolhidos porque pensam assim.

J&Cia/P – Dá para saber onde se pratica o





Alberto Dines

melhor jornalismo hoje? Pelo que vimos, um pouco a Espanha, Estados Unidos...

Dines – Tem a Inglaterra. França, não. Acho que o jornalismo da França caiu muito, mas na Inglaterra você tem espetacularmente... Em rádio, BBC, é claro. Em televisão, a BBC e o Channel 4, que é privado. Os jornais: The Guardian, The Independent... Tem a Espanha, com El País, que é show. E Estados Unidos, evidentemente. Mas há focos interessantes. A Argentina, por exemplo, onde estivemos em agosto ou setembro para fazer uma série de três programas sobre a mídia local. Há coisas na Argentina muito interessantes, criativas. Perfil é muito interessante. Crítica, que surgiu agora, também. E – caiu muito agora – o Pa-

na 12, um jornal extraordinário. Jornal que tinha que ser feito no Brasil. Gozador, mas muito bom. Caiu, hoje está muito ruim.

J&Cia/P – Há espaço no Brasil, a propósito, para um jornal bem-humorado?

Dines – Sempre teve. Bem-humorado, mas respeitado, sem avacalhado. Porque quando se faz bom-humor, quer dizer, piada como obrigação e se esquece que é preciso dar informação, aí é ruim. Mas quando se dá uma boa informação com muita piada, como é o Crítica... **[N. da R.:** no Rio, esse espaço vem sendo progressivamente ocupado pelo Meia Hora, do Grupo O Dia, que vende diariamente mais de 200 mil exemplares, a R\$ 0,60 o exemplar]

J&Cia/P – Como foi O Pasquim...

Dines – Não. O Pasquim era um semanário de sátira. Ele não tinha obrigação noticiosa.

J&Cia/P – Mas trazia muita...

Dines – Opinião, opinião. Estou falando do Crítica argentino, que é diário. Ele é noticioso, mas também sarcástico e brincalhão. Ele dá uma primeira página em Português! Claro que foi numa ocasião em que o Lula estava chegando lá e ele fez em Português, mas com uma gozação tremenda. Então, essa criatividade, esse bom-humor, que é tão latinoamericano, nós esquecemos. Nós também estamos muito empertigados. Porque quando as novas gerações chegam às redações e veem aquele paradigma, elas entram nessa. E não trazem um aporte mais descontraído. Inclusive o seguinte: é preciso ter muito preparo para fazer piada, porque não é qualquer um que faz.

J&Cia/P – É isso: pode até ter condições, mas não tem talento, não tem recursos humanos...?

Dines – E não tem a cultura para fazer a piada apropriada.

J&Cia/P – Nesse universo, mesmo com to-

“ Não vamos conseguir fazer outro {Conselho de Comunicação Social}. Duvido. Porque o Sarney não quer. E o Sarney não quer não é porque ele não seja um democrata. Ele não quer porque as empresas de comunicação não querem. ”



dos esses problemas, daria para apontar quem está um pouquinho mais à frente no Brasil, em termos de veículo?

Dines – É difícil. Todos estão. Quer dizer, a Folha está muito bem, sozinha. Ela consegue essa coisa extraordinária de não ter suporte de mídia eletrônica, só o suporte de mídia digital. Isso é extraordinário. O Estadão não tem uma coisa nem outra. E os outros todos, O Globo e mesmo a imprensa regional, subsistem porque são associações entre mídia im-

pressa e mídia eletrônica. Esse é um problema sério e que o Governo do “seu” Lula abandonou porque deixou fechar a instituição mais importante que tínhamos aqui. Ela não tinha força, não tinha poder, mas tinha status simbólico: o Conselho de Comunicação Social. Ele funcionou um mandato. Depois, em comum acordo, governo e certos senadores, fechou e acabou. Não existe mais, quer dizer, existe, mas não foi escolhido.

J&Cia/P – Parece que agora está sendo retomado, por iniciativa da Câmara Federal.

Dines – O Conselho é um órgão auxiliar do Senado. Isto é, do Congresso, mas funciona dentro do Senado. Ele se materializou graças a duas figuras importantíssimas.

Kotscho – Foi na Constituinte, não?

Dines – A Constituinte votou, mas demorou 14 anos para que ele saísse do papel. Quatorze anos, porque o Sarney não quis. Mas tem uma pessoa que foi importantíssima, que já morreu: o **Paulo Alberto {Monteiro de Barros}**, o **Artur da Távola**. O Suplicy {Eduardo, senador} ajudou muito, Mercadante {Aloysio, também senador}. Conseguiram fazer um conchavo no bom sentido: “Vamos fazer assim? Tá bem? Tá bem?” E saiu o Conselho de Comunicação Social. Foi um ato voluntarista, no bom sentido. Mas não vamos conseguir fazer

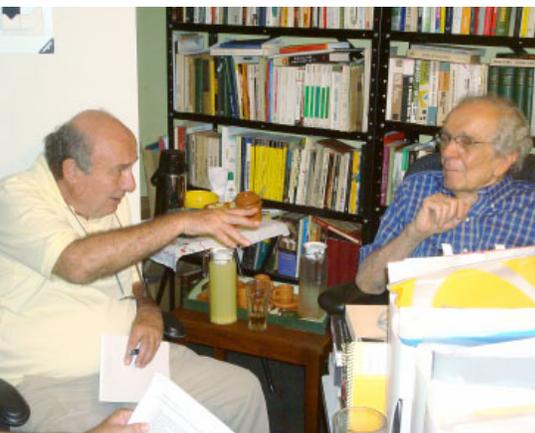
outro. Duvido. Porque o Sarney não quer. E o Sarney não quer não é porque ele não seja um democrata. Ele não quer porque as empresas de comunicação não querem.

J&Cia/P – Não têm interesse, não é?

Dines – Não têm interesse. E o governo também prefere não ter esse incômodo. Porque quando se começa a discutir o problema da concentração... E não precisa discutir em termos revolucionários, não. É preciso fazer como nós fizemos. Foi proposta minha no Conselho: “Vamos chamar o representante da FCC americana **[N. da R.:** Federal Communications Commission, órgão regulador do setor nos EUA], que é um reacionário. Vamos tentar nos igualar a esse reacionário americano. Fazer pelo menos igual a eles.”

J&Cia/P – Qual seria a maior complicação nesse sentido, Dines?

Dines – A propriedade cruzada, que mata tudo. Já estou cansado de dizer. Santos tem um jornal secular, A Tribuna. A gente chama de A Tribuna de Santos, mas o nome correto é A Tribuna, de Santos. É um jornal antigo, de qualidade, mas você nunca vai ter um concorrente lá. Já teve, mas não vai ter mais. Por quê? Porque ele é afiliado da TV Globo. E assim acontece em todos os estados. Quem tem a concessão da TV Globo tem tudo.



J&Cia/P – E uma mudança desse tipo envolve tantos interesses, é tão complicada que...

Dines – Então ninguém quer tocar nessa casa de marimbondos...

J&Cia/P – É um processo de gerações, você diria?

Kotscho – Da nossa é que não vai ser...

Dines – Mas é uma pena, porque nós avançamos. Não quer dizer que o Conselho fosse uma maravilha, não. Tinha muita babaquice. Mas havia gente de valor, de diferentes ideologias e partidos. Tinha, por exemplo o **Daniel Koslowski Herz**, lá do Sul, que já morreu **[N. da R.:** ele morreu de câncer, em 30/5/2006, em Porto Alegre, aos 51 anos; foi o primeiro conselheiro representante da Fenaj, com a aprovação, pela Mesa do Congresso Nacional, da composição original do Conselho, em junho de 2002]. Era uma figura formidável. Quer dizer, era um homem de esquerda e, digamos, o braço direito do José Paulo Cavalcanti Filho, que era o presidente do Conselho e não propriamente um homem de esquerda, era um liberal com classe. Mas trabalhavam juntos, pé-de-boi, e era admirável de se ver. É possível encontrar denominadores comuns.



“ A qualidade do que sai na internet, nos portais de informação, é lamentável. Eles não conseguem preencher os vazios dos jornais. E é uma burrice sem tamanho, porque o jornal sai de manhã. Eles têm não sei quantas horas sozinhos para colocar notícia nova. E não colocam. ”

Essa cisão ideológica é inventada, porque convém, entendeu?

J&Cia/P – A internet revolucionou a comunicação e provocou um grande impacto no fazer jornalístico. Para o bem e para o mal. Até que ponto ela provocará mudanças substanciais na própria atividade jornalística, no saber jornalístico?

Dines – Olha, o meu fazer jornalístico – eu e Kotscho, seguramente também, enquanto fazedores de Jornalismo –, foi facilitado extraordinariamente pela internet. Põe no Google lá uma frase e aparece, faz a pesquisa. No

fazer jornalístico melhorou muito. Agora, a qualidade do que sai na internet, nos portais de informação, é lamentável. Eles não conseguem preencher os vazios dos jornais. E é uma burrice sem tamanho, porque o jornal sai de manhã. Eles têm não sei quantas horas sozinhos para...

J&Cia/P – ...colocar notícia nova...

Dines – E não colocam. Eu sei porque faço um comentário na rádio. Digo assim: “Vou pegar o material de noite na internet para dar de manhã, para fazer um comentário mais...” Não tem nada. Porque o jornal não saiu e o



Alberto Dines

portal não postou a notícia. Os portais que têm jornais, como é o caso da Folha, seguram porque eles não vão se furar. Então, depois do *Jornal Nacional* não há mais novidade na internet. E é um período em que se poderia pegar o notívago, que é um público bom – esse público está atento, quer saber –, e o cara da manhã, que acordou e também quer saber o que há de novo porque tem que pegar o carro e ir para o trabalho.

Kotscho – *A internet é apontada como a grande vilã pela decadência da imprensa de papel, que todo mundo está falando que vai morrer, mas eu não acredito nisso...*

Dines – Nem eu.

Kotscho – *Agora, uma coisa que me ocorre é que a internet está servindo de desculpa para essa falta de prestígio, pela queda. Mas não é culpa da internet. Eles já vinham caindo, já vinham perdendo qualidade, competição, diferenciação, antes. Você concorda com isso?*

Dines – Ah, sim, 250%! É um pretexto, isso não tem a menor dúvida.

J&Cia/P – *Mas eu colocaria uma pimentinha aí. Parafraseando nosso presidente, nunca na história da humanidade viveu-se um*

ciclo como esse de comunicação, de democratização...

Dines – É, mas é relativo...

J&Cia/P – *Mas não muda um pouco o papel do Jornalismo?*

Dines – Muda. O jornalista tinha que ser mais ponderado, tinha que ser o fiel da balança. É o meu artigo hoje do Observatório da Imprensa sobre essa coisa de Gaza. O papel do jornalista é ser o ponderado. O *blogueiro* pode escorrer sangue, mas o jornalista – porque é ele que vai morrer no campo de batalha e não o historiador –, tem que ser o ponderado. Ele sabe. Eu percebi e até comentei, nessa Guerra de Gaza – que eu chamo de batalha, porque guerra é uma coisa maior – os jornais estão procurando um certo equilíbrio, não destilar tanto ódio, mas é impossível. Em 19 dias você esgota sua carga de paciência. Aí começa... Ontem entraram dois babacas escrevendo na Folha. O Salomão Schwartzman e o Zevi Ghivelder. Salomão Schwartzman não foi demitido da Manchete porque, na hora H, o Adolpho morreu e ele conseguiu criar uma praça em nome do Adolpho Bloch. É o Zevi Ghivelder é um pobre diabo. Aí a Folha põe essa

argumentação tola que compromete os judeus. Estou falando uma coisa que é muito importante. Os judeus criaram o Estado de Israel. A maioria dos judeus, eu inclusive, apoia o Estado de Israel, mas eu não sou responsável pelo Estado de Israel. Eu não voto, não escolho. Mas por quê a Folha fez isso? Porque não conseguiu, não tinha mais munição pacificadora. Aí deixou entrar os babacas... Dos dois lados, não é só de um lado, não.

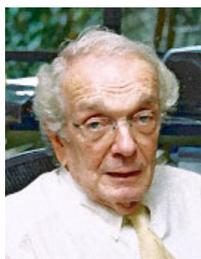
Kotscho – *Voltando à internet, que é a grande discussão do momento, você não acha que há um lado bastante positivo que é o da democratização da informação, no sentido de que o leitor hoje participa muito mais do processo informativo do que antes? Os jornais hoje são até obrigados a dar satisfação para os leitores, de responder a eles, coisa que não acontecia antes. Como Clóvis Rossi e tal, hoje eles já dialogam. Antes era o monólogo do jornalista e hoje há um diálogo.*

Dines – Exatamente. Ele [Jornalismo] teve que se curvar, teve que ouvir, teve que prestar atenção. Mas raras vezes eu vejo um leitor trazendo para mim um aporte interessante. Ele traz o aporte da indignação fácil, porque é fácil você

se indignar. E depois, as distorções, meu Deus... Você escreve um artigo por uma linha, o cara vai pegar duas palavras e jogar o comentário dele numa coisa que nada tinha a ver com as calças, entendeu? Aí tem a ver, eu acho, com a qualidade do público. Mas quem faz o público? A imprensa. Então, a imprensa não conseguiu preparar um público à altura e esse público que não está à altura está proliferando. É um problema complicado. Mas eu acho que a internet no Brasil ainda não conseguiu ter uma influência mais positiva, ela só abriu um pouco mais.

J&Cia/P – *Coincidentemente, nós dois tocamos num ponto hoje – nós, no J&Cia, e você no Observatório – que é a história da entrevista do presidente à revista piauí. É uma coisa extraordinária do ponto de vista de informação e democratização. Quem não se contentou com aquilo pode ver na íntegra. {N. da R.: a revista editou a entrevista e a Secom da Presidência da República pôs no seu site a íntegra dela.}*

Dines – Aí há dois aspectos. Eu briguei com o Mário Sérgio (**Mário Sérgio Conti**) – em termos, porque me dou bem com ele. Para mim ele é o melhor editor de revistas que há no Brasil. Não tem outro. Claro, tem outros, mas... Mas ele não agiu corretamente. Uma entre-



Uma entrevista do presidente da República você não pode adulterar. É uma coisa pública e você, como jornalista a serviço do público... É record, como se diz em inglês. Você não pode chegar e dizer: "Ah, eu vou simplificar para tantas páginas". Não pode fazer isso. Não tem direito, não tem mandato para isso.

vista do presidente da República você não pode adulterar. Não pode, não tem o direito. É uma coisa pública e você, como jornalista a serviço do público... É *record*, como se diz em inglês. Você não pode chegar e dizer: "Ah, eu vou simplificar para tantas páginas". Não pode fazer isso. Não tem direito, não tem mandato para isso. Essa é uma coisa. Aí eu soube – os aplausos são para você, Kotscho, pois foi você que instituiu –: o presidente dá um arrote, está registrado na íntegra. O que aconteceu foi o seguinte: o pessoal do Palácio, isso eu soube, ficou chateado com a compressão da entrevista. Eu tive informações de que ficou mesmo. E tinha que ficar. Aí buzinararam, saiu no Painel e depois no Globo que havia uma entrevista na íntegra. Nós fomos atrás, pusemos na sexta à noite, O Globo botou um pe-

daço no sábado e ontem eu comentei essa entrevista, elogiando o Mário Sérgio, que é um grande jornalista, mas ele errou. Ele não podia. Não tinha espaço? Aguenta e dá em fevereiro, mas não vai fazer isso com uma fala do presidente da República, mesmo que você não concorde. Até tem coisas com que eu não concordo, mas...

J&Cia/P – *Mas, de qualquer forma, essa oportunidade que a internet dá é uma coisa...*

Dines – É fantástica!

J&Cia/P – *As fontes, sobretudo aquelas mais polêmicas, podem se resguardar nesse sentido: "falou, está lá, é público, posta". E dá a oportunidade do contraditório, do confronto.*

Dines – Veja bem, eu não sou reacionário, nesse sentido da tecnologia, de dizer: "Não, a internet não!" A internet é um avanço e não

fosse um avanço nós não teríamos criado há 13 anos o Observatório da Imprensa. E é um caso único. Nós começamos como *site* e depois fomos para televisão.

J&Cia/P – *É um caso interessante...*

Dines – Depois fomos usados pelo Ministério da Ciência...

Kotscho – *E depois para o rádio...*

Dines – Depois para o rádio. Mas nós fomos usados e apoiados pelo Ministério da Ciência, isso lá em 96, como um modelo, um paradigma de uso social da internet.

J&Cia/P – *Tem jornalismo puro-sangue no Brasil?*

Dines – Na internet?

J&Cia/P – *No Brasil. Puro-sangue é aquele meio livre de interesses...*

Dines – Tem. Eu não seria injusto a tal ponto de dizer que não tem. Mesmo em veículos que têm sido demonizados. O Globo faz um trabalho espetacular de investigação, sobretudo na área do Rio de Janeiro, onde ele circula. Tem uma equipe de investigadores, sobretudo mulheres. A **Angelina Nunes** é quem chefia. **Chico Otávio**... Sabe, é primeiro time e não aceitamos grampos nem dossiês secre-

tos. Mandam um dossiê, eles dizem "vamos investigar", e só depois vão publicar. Não tem essa história de embrulha e manda, não. Não é o jornalismo fiteiro de que falávamos anos atrás.

J&Cia/P – *Fazendo um pouquinho de jornalismo comparado – seja televisão, rádio, jornal, revista e internet –, quais têm, na média, feito o melhor jornalismo no Brasil?*

Dines – Todos, mas há esses fatores que eu chamo de intrínsecos, que são freios. São freios vergonhosos. Eu tenho que insistir, vou ser chato: esse episódio da não comemoração dos 200 anos da imprensa brasileira é uma vergonha. Contado isso em inglês, é vergonha nacional.

Kotscho – *Por que não houve? Até agora não entendi o que aconteceu...*

Dines – Nós denunciámos. Nós repercutimos. Está lá. Ontem teve o repeteco do programa. Por uma razão simples: o nome disso chama-se Opus Dei. Ponto um: a Opus Dei hoje tem uma força enorme na grande imprensa brasileira. Isso é insofismável. Ponto dois: não interessava lembrar que o Brasil chegou tarde à tipografia, e à impressão e ao jornalismo, por causa da Igreja. E se você comemora os 200 anos da imprensa – se é bom jornalista –, tem que dizer: "Mas por que é que a gente começou tão tarde?". Começou tão tarde por causa da Igreja. Depois, o seguinte: o patrono, o patriarca do jornalismo brasileiro chama-se

Eu tenho que insistir, vou ser chato: esse episódio da não comemoração dos 200 anos da imprensa brasileira é uma vergonha. Contado isso em inglês, é vergonha nacional.





Alberto Dines

Hipólito da Costa. Quem foi Hipólito da Costa? Maçon. Preso pela Inquisição como maçom. Também não interessa falar disso. É uma bobagem, é uma burrice, porque falou-se antes. A RBS, lá do Sul, fez a campanha para mudar o Dia da Imprensa. Era 10 de setembro, em comemoração ao nascimento da Gazeta do Rio de Janeiro. E a RBS, com a banca inteira de deputados gaúchos – todos, do PT até a direita –, fizeram uma petição ao governo – acho que foi no 2º mandato do Fernando Henrique –, para mudar o Dia da Imprensa.

J&Cia/P – Quem assinou foi o deputado Nelson Marchezan...

Dines – Marchezan era o líder. A RBS deu toda a cobertura, com o seu poder, evidentemente. E mudou-se a data, passou a ser 1º de junho, que está marcado; é o dia do Correio Brasileiro, do 1º artigo. Então, isso é oficial e a RBS não deu uma linha sobre os 200 anos no dia que ela consagrou como festa.

J&Cia/P – O Hipólito era gaúcho, não é?

Dines – Era uruguaio, mas era gaúcho, da parte incorporada. Mas isso dá uma ideia de como a coisa ainda está pantanosa. É muito difícil um padrão institucional de qualidade porque

você tem essas áreas pantanosas. São areias movediças em que o jornalista não pode pisar porque “não, aqui não pode, fulano não quer”. Fica muito difícil fazer jornalismo de qualidade e independente com tais dificuldades.

J&Cia/P – Na imprensa regional...

Dines – É pior.

J&Cia/P – Sim, mas você consegue vislumbrar algum avanço?

Dines – Tem. Temos aí, talvez, quase dez bons jornais. Mas eles estão mais amarrados ainda. A imprensa mineira... Minas Gerais criou o jornalismo moderno no Brasil e exportou através de Rio e de São Paulo. Jornal da Tarde era mineiro. Abril, Realidade eram mineiros. E não consegue fazer um grande jornalismo

porque acomodou-se ao milho do Palácio da Liberdade. Então, não tem imprensa mineira. E é uma pena. É um dos estados mais alfabetizados do País, com uma rede educativa, há mais de 100 anos, de altíssima qualidade. E não tem uma imprensa à altura. É assim por diante. A imprensa pernambucana... O Diário de Pernambuco é o jornal mais antigo do País e um dos mais antigos da América, se não o mais antigo. Mas a imprensa pernambucana hoje... É boa, são dois jornais competindo, o Jornal do Commercio, enfim, mas ela está cheia de dificuldades, negócio de televisão, de grupos, de partidos...

J&Cia/P – Quer dizer, fica pisando em ovos...

Dines – Na Bahia... A Tarde é um jornal de



“Se você compara um país democrático com um não democrático, o que faz a diferença é a imprensa. Então, a imprensa no Brasil desempenha um importantíssimo papel.”

altíssimo nível, sempre foi. Eu estou trabalhando com recortes da Tarde de 1940, de altíssimo nível... Boa cobertura!

J&Cia/P – Agora, pegando um pouco esse viés do jornalismo fiteiro, dossiês, escândalos... E talvez o ápice tenha sido, pelo menos nos últimos tempos, o mensalão. Depois veio

Polícia Federal, as operações, Daniel Dantas... O próprio Observatório tem recorrentemente falado sobre isso, sobre a cobertura. Mas, de um modo geral, você diria que a imprensa tem cumprido o seu papel? E qual é esse papel?

Dines – Tem, mesmo que você não consiga definir bem qual é o papel. A imprensa tem desempenhado um papel... Vamos chamar de Poder Moderador, ou de Mediador, ou de Quarto Poder – que tecnicamente não é mais, porque o Quarto Poder é o Ministério Público. Ela tem desempenhado algum tipo de papel positivo dentro da sociedade. Tem, é evidente. Se você compara um país democrático com um não democrático, o que faz a diferença é a imprensa. Então, a imprensa no Brasil desempenha um importantíssimo papel. E o Lula disse duas vezes naquela entrevista à revista piauí “eu não seria presidente da República”...

Kotscho – Ele é um produto da liberdade de imprensa. Desculpe fugir um pouco do roteiro, mas qual foi seu último emprego na grande imprensa?

Dines – (risos) Foi na Abril. Eu saí da Abril em 88 e fui para Portugal, mas por livre e espontânea vontade.

Kotscho – Desde 88 você é frilão?

Dines – Não, eu fui para lá e fiquei fazendo frilas um ano. Um ano fazendo duas estantes

[mostra os livros] dessas. São portuguesas. Depois, a Abril me chamou para ver se eu não queria fazer um trabalho de *part-time*. Ficava de manhã na Torre do Tombo e de tarde ia lançar algumas revistas. E eu fiz isso, tinha energia para isso. Energia física. E fiquei lá sete anos. Fiz várias revistas lá, em Portugal, da Abril. Então, era emprego. Eram dois sócios espetaculares. Um era o Roberto Civita e o outro era o Pinto Balsemão, um empresário, na época primeiro-ministro, o maior empresário português... Eu quero registrar aqui que ele ameaçou fechar o Jornal de Letras. Isso eu soube hoje (14/1). O Jornal de Letras é uma instituição portuguesa, acho que quinzenal, antiquíssima, um trabalho pessoal do José Carlos Vasconcelos, que eu não sei se vocês conhecem. E hoje eu soube que o Balsemão disse não aguentar mais o prejuízo do Jornal de Letras e vai fechar. É uma instituição cultural. Fazia diferença porque nós não temos um jornal de letras. Já tivemos um jornal com esse nome...

J&Cia/P – E um da Imprensa Oficial que circulou muitos anos...

Dines – Tinha o dos irmãos Condé, lá no Rio de Janeiro, quando o Rio era um centro cultural... Tinha um jornal de letras. Mas meu último emprego com carteira assinada e tal foi



foto: Samuel Iavelberg (Câmera 1)

Dines recebe de Valéria Café o prêmio Personalidade da Comunicação (2002)

em Portugal. Eu não tinha férias e...

J&Cia/P – Você é aposentado?

Dines – Já antes.

J&Cia/P – Aqui no Brasil mesmo?

Dines – É. Aí eu voltei e vi que não tinha outro jeito e tinha que fazer o meu emprego e aí nós fizemos...

Kotscho – Em 96 isso?

Dines – Eu voltei em 95. Fui para a Unicamp e criamos o Labjor lá. O Labjor inventou o Observatório e aí ele se desenvolveu tanto que não podia mais ficar... Inclusive era em Campinas e tinha dificuldade... Mas eu colaborei aí com jornais dos estados. Tem artigo meu que sai em alguns jornais. Poucos.

J&Cia/P – É semanal?

Dines – Aos sábados.

J&Cia/P – Retomando um pouquinho a questão das coberturas de mídia, queria saber sua opinião sobre o jornalismo declaratório. Aquela em que você pega a pauta, ouve três pessoas e faz a matéria, sem dar ao leitor pistas concretas sobre o que é efetivamente correto. Isso é coisa da modernidade? Porque anti-gamente...

Dines – É porque os jornais brigavam mais. Eles eram declaratórios também. Os jornais naquela época – estou falando dos anos 50 – para mim eram declaratórios, e mais declaratórios. Se você pegar aquela seção do Globo – que considero uma das melhores seções do Globo –, *O Globo 60 anos atrás*, tem decla-

rações enormes, entre aspas, de quatro, cinco linhas. O que acontecia era o seguinte: o jornal dava a declaração e nem explicava, mas o jornal concorrente, adversário político, lascava. Tinha isso. Então, quando falo concorrência, é isso. Hoje não tem mais. Todo mundo reproduz o que o Lula disse, o que o Fulano falou. Todo mundo dá igual, praticamente igual. Precisa ter pluralidade. Sem pluralidade você não tem imprensa democrática. Nós não temos pluralidade.

J&Cia/P – A pluralidade que existe é a pluralidade declaratória.

Dines – Declaratória. O governo não interfere, não é? E pronto! Mas eu acho que há ainda um longo caminho para atingirmos a democracia jornalística e aí vai depender do livre arbítrio da imprensa. Ela tem que assumir, preencher esses buracos de pluralismo que estão faltando.

J&Cia/P – A gente já tangenciou a questão das novas gerações. É um exército de profissionais, quase 300 faculdades...

Dines – Mais. Eu soube que são mais.

J&Cia/P – Então, mais de 300 faculdades. E apenas uma pequena parte dos formados che-

“Todo mundo reproduz o que o Lula disse, o que o Fulano falou. Todo mundo dá igual, praticamente igual. Precisa ter pluralidade. Sem pluralidade você não tem imprensa democrática. Nós não temos pluralidade.”





Alberto Dines

ga à grande imprensa. É a elite dos estudantes. É um número um pouco maior chega aos veículos mais secundários ou assessorias, de que a gente vai falar um pouquinho lá na frente, ou atividades correlatas. Olhando essas sucessivas gerações desde que você começou, desde que você chegou ao Jornalismo, melhoramos, pioramos ou continuamos iguais?

Dines – No tocante a quê? A entrada de novas... Sangue novo?

J&Cia/P – Sangue novo, formação do jornalista.

Dines – Quando eu comecei, não tinha formação. Eu entrei numa revista, semanal, americana, chamada Visão – inicialmente americana. E eu tinha o 2º Científico! Essa era a minha formação. Mas havia um ambiente propício para a entrada de sangue novo. Tanto assim que eu tinha 20 anos e nenhuma experiência jornalística, a não ser de crítico de cinema e umas coisas assim, e fiz carreira. E os outros jornais também tinham, mas não era formalizado. Não tinha *trainee*, não tinha nada. Você entrava e ou ganhava uns vales ou era logo empregado. Como essa era

um revista americana, organizadinha, imediatamente o departamento pessoal me mandou para o Ministério do Trabalho. O que demorou mais, porque a exigência era maior... Isso é importante, era a ABI. A ABI era muito mais rigorosa na aceitação de novos profissionais do que os sindicatos. Os sindicatos eram máquinas de ganhar dinheiro. Eu estou falando de 1952. Os sindicatos tinham vantagens com as quais ganhavam muito dinheiro: imposto de transmissão, passagem de avião e mais outras vantagens. Então, naquela época, havia o processo natural, a sociedade se renovava com muita naturalidade. Inclusive com a absorção de gente de fora do Rio. O meu chefe era baiano, o outro chefe era gaúcho, o chefe geral era pernambucano... Havia essa mistura, que era extremamente rica. Hoje você tem, na redação da Folha, do Estado ou não sei de quê, pessoas que nasceram ali e se formaram ali. Isso não é bom. Agora, o problema da formação é seriíssimo, porque ele não se resolve com a questão do diploma, ele não se esgota na questão do diploma. Outro dia me fizeram duas horas de entrevista pelo Skype sobre a

questão do diploma e eu disse: "Isso para mim é irrelevante". Eu já escrevi a favor do diploma. Mudei, digamos, o enfoque da quarta edição do meu livro, *O Papel do Jornal*, para tratar da questão do diploma. Isso foi antes da Constituinte. Eu era a favor e sempre defendi, mas o que acontece? As escolas de Jornalismo não melhoraram, só pioraram. Não há contrapartida de qualidade. Nós temos três estagiários permanentemente no programa de televisão. São três, uma tradição. Tem passado ali gente de ouro, que imediatamente vai para a rua e faz carreira. É incrível! São três por ano ao longo dos últimos 11 anos.

J&Cia/P – Mais de 30 pessoas...

Dines – E alguns a gente escolhe bem, os critérios são bons, tem que ser poliglota. Tem gente muito bem colocada, em *Veja*, tudo, mas são poucos. O que vem é muito fraco. As pessoas que chegam, primeiro, não têm formação cultural abrangente, o que é fundamental para fazer Jornalismo. Depois, vêm sem nenhuma experiência, nem remota, nem teórica, porque os seus professores também não são jornalistas. Ouviram falar, frequentaram em

passant uma redação. Aí fica complicado... Fica muito complicado porque você está trazendo uma nova geração que tem vitalidade – porque os jovens têm mais vitalidade do que os mais experientes –, mas ela não traz junto com a vitalidade, a renovação.

J&Cia/P – E aí encontra esse ambiente de que você falou.

Dines – Encontra um ambiente fechado, burocratizado, que empresarialmente acho burro... E aí ele logo quer botar a gravata e fazer carreira.

J&Cia/P – Bom, aqui, de certa forma, você já apontou os pontos fortes e os pontos fracos dessas novas gerações, não é?

Dines – Agora, tem gente extraordinária. Você pega esse negócio... Eu falo de línguas... É muito importante: no mundo de hoje, o jornalista tem que pelo menos falar o Português bem e mais um idioma. Tem que falar, que seja, o Espanhol, mas fale bem. Porque o negócio do Espanhol não é falar português, não. Mesmo o Espanhol que está no El País é um Espanhol de qualidade e hoje muito misturado com o idioma basco e o catalão. Então, há muitas palavras que você não entende. São palavras que entraram no vocabulário nacional porque aquilo é um Estado Federativo, multicultural. Então, tem que estudar, tem que



O Jornalismo é um atividade testemunhal. Reportar. Você viu e reporta. Entra com sua vivência, seu filtro pessoal, sua cultura e passa isso para o telespectador, leitor e tal. Se não existe esse ciclo, você está matando o Jornalismo, digamos, o seu viço.

saber pelo menos uma língua a mais. E tem que saber o mundo, ser um especialista em ideias gerais, mas com proficiência.

J&Cia/P – Eclético...

Dines – Eclético, mas com densidade.

J&Cia/P – Aqui temos o Kotscho, que é um dinossauro...

Dines – Dinossauro sou eu. Ele é uma criança. (risos)

J&Cia/P – ...Temos repórteres talentosos em praticamente todas as mídias, mas não em quantidade elevada, ao menos de reconhecimento do público. Muitos destes profissionais já são experientes. É difícil alguém da nova safra se sobressair...

Kotscho – Faltou perguntar quantos anos você tem. Na carreira, você começou em 52, não é?

Dines – Em 52. De idade... Eu nasci em 1932, então agora em fevereiro vou fazer 77 anos. (N. da R.: no dia 19 de fevereiro)

J&Cia/P – Temos aí, por exemplo, a Eliane Brum, mas ela já não é da nova safra, não. Já tem os seus quarentinha...

Dines – Um brotinho, uma criança... (risos)

J&Cia/P – Mas a pergunta é: a reportagem está perdendo seu lugar no Jornalismo? Estaríamos às vésperas de fundar um novo modelo baseado em apuração à distância em vez do olho no olho?

Dines – Esse é o perigo. Porque o Jornalismo é um atividade testemunhal. Reportar. Você viu e reporta. Entra com sua vivência, seu filtro pessoal, sua cultura e passa isso para o telespectador, leitor e tal. Se não existe esse ciclo, você está matando o Jornalismo, diga-

mos, o seu viço. Fica tudo muito distante. Um dos méritos da matéria do Mário Sérgio na piauí... A gente pode dizer: "Pô, ele perdeu uma página para contar o clima!", mas eu achei muito bom aquilo. É pena que por causa daquilo sacrificou o conteúdo...

Kotscho – Ele falou mais da Clara [Ant] do que do Lula... (risos)

Dines – Mas eu não a conhecia, achei fascinante. Porque lá diz que ela foi alfabetizada em Ídiche... Eu também fui, então quero falar com ela em Ídiche. Mas eu achei bom, deu clima. Não foi uma matéria chata. O que lamenta é que tenha sido reduzida. Acho que tinha que dar tudinho. Só tirar o que está escrito como "inaudível", diversas vezes. Mas tinha que sair, é um compromisso...

J&Cia/P – Gostaria que você falasse um pouco desse modelo de Jornalismo que estamos vendo hoje. A jornada de cinco horas é letarmorta. Está na Lei, mas trabalha-se muito, em jornadas exaustivas e com poucas folgas. Estão aí os pescoções para provar isso. Os poucos momentos de folga se usa para repor energias para trabalhar no dia seguinte ou na 2ª.feira. Temos, nesse sentido, uma profissão

Dá mesma forma que a gente tem que lutar contra a concentração da imprensa em poucas empresas, temos que lutar contra a concentração profissional ou sindical. (...) Os jornalistas têm causas que são próprias deles, os assessores têm causas que são próprias deles.

cada vez mais embrutecida, que não oferece oportunidades de desenvolvimento pessoal, cultural e intelectual. Você diria que vamos ter um Jornalismo cada vez mais mecanizado, menos questionador e sedutor? Ou isso não tem a ver com a carga de trabalho?

Dines – Não sou especialista nessa coisa de carga de trabalho. Estou afastado das redações... Mas acho que essa coisa chamada de *pescoção*... Aí tem uma mutreta que convém a todos, menos ao leitor. Convém ao jornalista trabalhar 5ª.feira até três da manhã e 6ª.feira até uma e pouco e depois folgar sábado inteiro e domingo inteiro. No meu tempo... Eu era casado e todos os meus colegas tínhamos família, filhos, compromissos conosco

mesmo, inclusive de ler, mas a gente sabia que um trabalhava no sábado e outro no domingo. Hoje isso acabou. Hoje quem faz plantão nunca é o chefe principal. O Jornalismo sempre foi uma profissão plantonizada. Você tem plantões, horários diferentes. Você é um vigilante. Mas é essa coisa: preferiu-se o acerto em detrimento do leitor. Porque você faz o jornal de sábado na 5ª – e às vezes o de domingo também na 5ª e sábado de manhã tenta atualizar, o que é uma vergonha! Então, essa mutreta tem que ser desfeita. É melhor... Eu até conversei com o Milton Coelho da Graça, que é um jornalista do Rio, experiente, deve ter a minha idade, falamos sobre isso. Vamos abolir a edição de domingo e fazer semanári-





Alberto Dines

os como na Inglaterra. O Observer é um semanário. O London Times não sai aos domingos – tem o Sunday Times, outro veículo da mesma empresa. Em Portugal, antes de ter a Visão, o Balsemão notabilizou-se porque lançou O Expresso. Era um senhor semanário, um negócio enorme, de dez colunas e muitos cadernos. Portugal parava sábado de manhã para tomar um cafezinho e ler O Expresso.

J&Cia/P – *Que coisa boa...*

Kotscho – *Não faz tanto tempo isso. Quanto tempo faz?*

Dines – Quando eu estava lá. Eu trabalhei no Expresso. Meu último emprego efetivo em Portugal foi no Expresso, em 94. Então, se o jornalão diário não sai aos domingos, sai outro, com outra equipe, aí tudo bem, você não

prejudica... Agora, fazer como nós fazemos aqui, um jornal de gaveta, o jornal de domingo é o de gaveta da 5ª...

J&Cia/P – *Mas você não acha que a carga horária de trabalho tem grande influência na...*

Dines – Tem que mudar a distribuição. Mas confesso que nunca sentei para fazer uma tabela de horas... Eu chamaria meia dúzia de especialistas em organização do trabalho e eles resolveriam esse problema facilmente. E sobretudo dizendo: "Não quer ter uma equipe maior? Então faça um jornal que não saia aos domingos." E aos domingos sai outro jornal da empresa, que começa a ser feito tranquilamente, com outro feitio. É um jornal de domingo, redondo, não é quente, é analítico. São assim O Expresso e The Observer.

J&Cia/P – *As pessoas só fazem isso com caderno de televisão ou moda... Uma questão sobre a qual você tem falado também com alguma constância é a dos assessores de comunicação e dos profissionais de imprensa. Você questiona muito...*

Dines – São duas profissões respeitáveis e respeitadas, não há preponderância. Cada uma tem sua importância na sociedade. Mas, primeiro, a formação deveria ser diferente, o sindicato tinha que ser outro. O **Bucci [Eugênio]**, quando ainda estava na Radiobrás, disse isso e eu fico feliz que ele tenha dito isso, que é preciso ter dois sindicatos e duas federações.

J&Cia/P – *Esse processo, que eu acompanhei bem de perto também nos últimos 30 anos, consolidou-se no Brasil dessa forma. Os sindicatos do Brasil, todos, abraçaram essa causa, os profissionais em sua maioria também...*

Dines – Por quê? Porque rende associados...

J&Cia/P – *De qualquer forma, assim, de um modo geral – estou chutando, não fiz nenhuma pesquisa –, de cada dez jornalistas, oito apoiam esse modelo. Ou seja, dificilmente*

Essa é uma profissão vital. Você se integra não apenas intelectualmente, você se integra vitalmente. O seu relógio biológico é regido pela profissão. É uma integração vital mesmo. E por isso mesmo você, exigindo tanto, é crítico. Eu acho isso extraordinário!



isso vai mudar no curto ou médio prazo. Você acha que isso traz algum prejuízo?

Dines – Sim, muitos.

J&Cia/P – *De que tipo?*

Dines – Da mesma forma que a gente tem que lutar contra a concentração da imprensa em poucas empresas, temos que lutar contra a concentração profissional ou sindical. São lutas diferentes, mas o objetivo é a anticoncentração. Não é positivo, não é bom. Os jornalistas têm causas que são próprias deles, os assessores têm causas que são próprias deles. É claro que o sindicato de jornalistas vai ser menor, mas vai ser mais influente. O sindicato dos assessores vai ser maior, talvez, não tenho certeza, mas tem que separar. Em algum momento vai ter que separar.

J&Cia/P – *Em outros países é assim, não é?*

Dines – Olha, eu era sindicalizado em Portu-

gal. Tem um sindicato nacional lá. O sujeito ia fazer um trabalho de assessoria e pedia licença do sindicato. Licença formal e era automaticamente concedida. Terminada a assessoria, voltava. Automático. Por que eles podem e nós não?

Kotscho – *O maior problema é quando acumula as duas funções...*

Dines – Ah, isso é. Mas às vezes tem uma alternância assim: o sujeito hoje está no jornal, amanhã vai para..., depois volta...

Kotscho – *Às vezes nem sai. O cara é assessor da Câmara e editor de Política... Se o cara é assessor de imprensa, é só assessor de imprensa; se trabalha no jornal, só trabalha no jornal. Essa simplicidade entre as duas funções eu não sei como é que faz...*

J&Cia/P – *Já foi muito pior. Hoje melhorou. Aí tem um mérito: o próprio sindicato comba-*

te isso. A linha sindical combate isso.

Dines – Combate, mas não pode combater às últimas consequências.

Kotscho – *Vou fazer uma pergunta que está na minha cabeça desde o começo. Nós, jornalistas, somos muito críticos com relação a nossa função e muito amargos com a nossa profissão...*

Dines – Graças a Deus!

Kotscho – *Mas eu te pergunto: você conhece alguma profissão no mundo melhor do que jornalista?*

Dines – Não! (risos) Mas é por isso mesmo! É porque nós nos dedicamos. Essa é uma profissão vital. Você se integra não apenas intelectualmente, você se integra vitalmente. O seu relógio biológico é regido pela profissão. É uma integração vital mesmo. E por isso mesmo você, exigindo tanto, é crítico. Eu acho isso extraordinário! É por isso que nós criamos o Observatório da Imprensa. Porque nós queremos fazer com que o jornalista, em vez de resmungar para a sua mulher ou para o seu companheiro de botequim, vá resmungar para a sociedade.

J&Cia/P – *Não lembro quem falou – achava que era o Ancelmo Gois, mas ele desmentiu – que "ah, nessa atividade não tem descanso, trabalha-se até de madrugada, há pressão*

O jornalista brasileiro não conhece a sua história. Não é disciplina obrigatória. Tinha que ser. Aí entra o negócio do sindicato. Se houvesse um sindicato de jornalistas, entrava lá no Ministério da Educação e diria: 'Tem que estudar história do Jornalismo'.

de todos os lados, ganha-se pouco... Mas muito pior seria ter que trabalhar"... (risos)

Kotscho – *Trabalhar é muito pior (risos).*

J&Cia/P – *O jornal impresso foi, por tudo que a gente avalia, o mais afetado, impactado pela internet...*

Dines – Não, as revistas. Acho que as revistas até mais. As revistas noticiosas, mais.

J&Cia/P – *Mas em termos de ameaça ao modelo de negócio parece que o jornal foi o que sentiu mais o baque. De qualquer forma a pergunta é: as empresas estão investindo, pesquisando, empiricamente testando fórmulas. Do que você tem visto, quem você acha que avançou mais...?*

Dines – No Brasil?

J&Cia/P – *No Brasil e talvez internacionalmente, em compor modelos e descobrir caminhos novos?*

Dines – Eu sou obrigado a repetir uma devoção: El País está encontrando caminhos, muito específicos...

J&Cia/P – *Quais são?*

Dines – Primeiro, ele é escrito num idioma que não é falado só na Espanha. A Espanha é uma merreca em matéria de números. Ele é

falado na América Latina inteira, é o segundo idioma dos Estados Unidos e vai ser o primeiro breve. O mote deles é: "O maior jornal global em língua espanhola". Isso é cabeça.

J&Cia/P – *Eles não estão escrevendo só para a Espanha...*

Dines – Espanha é merreca. Quantos? 40 milhões de pessoas? Não sei qual é a população da Espanha. Mas eles não estão escrevendo só para a Espanha. Estão escrevendo para o mercado potencial deles, que é um dos maiores do mundo. E dos mais influentes, porque pega dos Estados Unidos até a Patagônia. Por causa disso eles cobrem muito bem a América Latina. Quer dizer, não foi uma sacada lá do departamento de Marketing, foi uma sacada editorial. Aquele cara que é o cabeça deles... Esqueci o nome dele. Meus neurônios estão de folga. Então, é uma sacada de jornalista. Aqui no Brasil eu não vi uma sacada tão boa assim ou equivalente. Ao contrário.

Kotscho – *Eles investem em reportagem, histórias exclusivas?*

Dines – Ah, mas muito! O caderno de cultura deles é modelar. Teve uma época, aqui, em

que eu e a Norma colecionávamos o Babelia, o caderno de sábado, de cultura. Não dá, não tem mais espaço. Mas eles investem em cultura. Aqui, você pega os cadernos de cultura hoje, são cadernos de show business. É outra coisa. É tudo show business, banda, não sei o quê... Ótimo, é uma cultura.

Kotscho – *Você falou que não cabe mais nada. Quantos livros tem aqui? Aproximadamente.*

Dines – Nunca contei. Não sei. Parte disso, felizmente, deve sair em breve.

Kotscho – *Tem mais do que na biblioteca do Alvorada [Palácio]. Eu garanto. (risos)*

Dines – Mas tem coisas muito especializadas. A parte de Inquisição são três estantes, a parte de Stefan Zweig são duas, mas tudo já vai sair.

J&Cia/P – *Isso por conta do livro que você escreve, não é?*

Dines – Sim, do livro que eu escrevo. A parte de Stefan Zweig deve sair porque nós estamos construindo o Centro de Memória, em Petrópolis, que eu não sei quando vai ficar pronto, mas um dia vai e aí segue tudo para lá.

Kotscho – *Uns 5, 10 mil livros?*



Alberto Dines

Dines – Não, acho que não.

J&Cia/P – *Esse centro, você está construindo com quem?*

Dines – Eu peguei uns amigos do Rio de Janeiro... Não são milionários, são pessoas que vivem bem, mas que têm devoções culturais e nós compramos a casa onde Stefan Zweig viveu e morreu em Petrópolis. Compramos com dinheiro, à vista, e agora estamos passando o chapéu para tentar fazer uma obra. É muito demorada. A Prefeitura de Petrópolis nos deu uma atenção, eu chamaria... Mas a gente já existe na internet. Temos um site chamado Casa Stefan Zweig (www.casastefanzweig.org), bilíngüe, alemão-português, que é um dos melhores do

mundo nessa matéria. E, breve, quando a gente tiver o lugar físico e bibliotecário, o meu acervo vai todo para lá; aí já serão duas estantes liberadas...

J&Cia/P – *Que outras coisas temáticas você tem aqui?*

Dines – Jornalismo. Sobre tudo história do Jornalismo. E aqui deixa eu falar um negócio que é muito importante. Porque eu sou meio chato... (risos) É o negócio da história do Jornalismo e do bicentenário. É o seguinte: o jornalista brasileiro não conhece a sua história. Não é disciplina obrigatória. Tinha que ser. Aí entra o negócio do sindicato. Se houvesse um sindicato de jornalistas, entrava lá no Ministério da Educação e diria: "Tem que estudar his-

tória do Jornalismo". Ao assessor de imprensa talvez não interesse, mas para um jornalista tem que interessar. Porque o médico, em algum momento, sabe quem foi Hipócrates e sabe como foi o desenvolvimento da Medicina, como foi a evolução até chegar a Alzheimer. Eles conhecem a história da Medicina e suas especialidades. Nós não conhecemos. E é por isso que chegam os donos dos jornais e dizem "não vai ter comemoração". E não tem, passa em branco.

Kotscho – *Eu queria saber de você: foi o dono do jornal que falou pra não ter ou ninguém teve iniciativa?*

Dines – São três grandes jornais. Eu fui convidado e aceitei com muita honra o convite de dois deles – não vou dizer quais são – para fazer preleções internas. Eles queriam saber como iriam tratar o bicentenário. Levei pilhas de coisas que fizemos aqui sobre o Hipólito da Costa e fomos falar. Eu fui passar parte do que sei sobre o assunto. Eles sabiam, estavam pautados. Teve uma moça, acho que da TV Globo, que disse "ah, nós não estávamos pautados e não fizemos". Desculpa esfarrapada. Se você estuda que o D. João VI

Veja fase Mino {Carta} ou Veja fase Mário Sérgio Conti era uma revista mais qualificada. Hoje ela vende muito mais, ganha muito mais dinheiro, mas perdeu a densidade. Nivelou por baixo. Às vezes até tem textos que são razoáveis...



chegou aqui e praticamente no dia seguinte criou a impressão régia...

J&Cia/P – *Fizeram milhões de cadernos especiais sobre isso.*

Dines – E não falaram na imprensa. Se você tem uma profissão consciente da sua história, você é o melhor profissional. Então, isso explica porque tenho três estantes de história da imprensa. Eu tenho tudo. E aí, como eu gosto muito de caricatura, tem história da caricatura, muita coisa sobre caricatura. Porque, como eu não sei desenhar, não sei nem fazer casinha com nuvem (risos), sempre fui fascinado por caricatura. Em todos os jornais em que estive eu deixei marcas. O **Lan** foi resgatado pelo JB; **Claudius, Jaguar**, surgiram na Manchete comigo; o **Ziraldo**, que estava perdendo, foi para o Jornal do Brasil porque eu levei. Tinha um cara do Rio, que chamava **Juarez Machado**, que parou de fazer... Em suma, é uma coisa de que eu me gabo. Então, tenho um negócio todo sobre caricatura, porque sou fascinado.

J&Cia/P – *E Cinema?*

Dines – Cinema, agora parei um pouco, não posso mais acompanhar. Mas fui crítico de cinema, meu negócio era fazer cinema.

J&Cia/P – *Aliás, você começou com cinema, não é?*

Dines – Comecei com documentários. Tinha um documentário que eu e o meu irmão intelectual lá do Rio, **Alberto Shatovsky**, fizemos sobre secas que foi premiado pelo Partido Comunista. Estava fora da lei mas tinha um festival da juventude e deu um prêmio ao filme. Gostaria de achar esse documentário...

J&Cia/P – *Uma fria: mesmo sem ser vidente, você arriscaria um palpite sobre como deverá ser o jornal de 2020?*

Dines – Acho que não vai mudar basicamente nada. Vai cada vez simplificando, vai nivelando por baixo. Pode-se dizer isso com base no passado recente. Pegue Veja, por exemplo. Veja fase **Mino {Carta}** ou Veja fase Mário Sérgio Conti era uma revista mais qualificada. Hoje ela vende muito mais, ganha muito mais dinheiro, mas perdeu a densidade. Nivelou por baixo. Às vezes até tem textos que são razoáveis...

J&Cia/P – *O Otavio Frias Filho falou publicamente, num seminário que organizamos recentemente, que "a Folha não vende papel e sim informação e que ele pessoalmente não tem qualquer fetichismo pelo papel. Se conseguisse migrar do impresso para o digital, num passe de mágica quase 40% dos custos desapareceriam". Fazer jornal e revista em papel, pelo visto, será um desafio maior e continuadamen-*

te caro. Isso é uma ameaça à estrutura do nosso jornalismo impresso? O que poderá vir por aí?

Dines – Primeiro eu faço questão de registrar – claro que ele nem vai ler – um elogio ao Otavinho. Ele não gosta que o chamem de Otavinho, mas eu sempre chamei...

Kotscho – *Todo mundo chama. (risos)*

Dines – Posso chamá-lo também de Dr. Otavinho.

foto: Samuel Iavelberg (Câmera 1)



Em 2002, no prêmio *Personalidade da Comunicação*, com o atual ministro do Desenvolvimento, Miguel Jorge

vio Frias Filho. (risos) O Otavinho é um grande jornalista, é um grande intelectual e poderia fazer uma revolução nesse País.

J&Cia/P – *Ele até começou, com aquele Projeto Folha...*

Dines – Eu não acho que aquela foi uma boa. A grande revolução quem fez foi o pai dele, que apostou em opinião pela primeira vez nesse País...

Kotscho – *Acho que junto com o Claudio Abramo, não?*

Dines – Quando eu falo em Octavio Frias, eu estou falando no seu *alter ego*, que estava ali junto. Eu estou falando nas pessoas que me convidaram, com quem eu privei. Era sempre um par. Mas eu acho que o Otavinho, Otavio Frias Filho, é um grande intelectual, é uma pessoa cultíssima e é um excelente jornalista. Já fez reportagens que viraram livros excelentes. Ele tem condição, porque é muito novo ainda, de fazer uma virada. Mas precisa abandonar sobretudo certos cacoeetes empresariais, entre aspas, que é obrigado a repetir – são bordões – porque trabalha numa empresa, o sócio dele é o irmão, tem aí toda uma confusão em que ele não pode ser ele. No dia

em que ele puder ser ele, fará do jornal – não os da Folha de S.Paulo – realmente um veículo importante nesse País.

J&Cia/P – *Ele até falou que o Murdoch {Robert}, que era a besta-fera, odiado por dez entre dez jornalistas, hoje é amado por dez entre dez jornalistas...*

Dines – Eu não consigo amá-lo...

J&Cia/P – *Mas ele falou que num artigo que ele [Murdoch] escreveu recentemente...*

Dines – Saiu na Folha...

J&Cia/P – *Sobre jornalismo de qualidade e tal. É uma nova visão.*

Dines – Deixa eu falar uma coisa com relação a esses pragmatismos do Murdoch – e que têm a ver com essa coisa estúpida lá de Gaza. Eu li uma entrevista que o Olmert [Ehud], primeiro-ministro de Israel, deu em setembro para um jornal israelense, que eu só li em dezembro. Quando eu li, no início de dezembro, pensei: "Pô! Se ele conseguir fazer isso, não tem mais! Muda o panorama do Oriente Médio! Acusações aos generais? Nunca vi em Israel... Generais lá são altamente qualificados e sempre elogiados. Porra, esse é um pragmático que realmente..." No quê deu? Ele

está fazendo o que os inimigos dele queriam. Pior, os inimigos de direita. Então, tenho muito medo dos pragmáticos. O Murdoch é um pragmático. Ele escreveu esse artigo por uma necessidade muito casuística, mas ele não é um idealista. A natureza humana é idealista e você não pode extirpar isso falando "não, nós somos numerológicos, jornalismo de resultados". Aqui, ó! (dá uma banana) Você faz, acaba virando merdas...

Kotscho – *Eu estava nesse encontro que o Edu citou. Estavam Otavio Frias Filho, pela Folha; Ricardo Gandour, pelo Estadão; e Josemar Gimenez, pelo Correio Braziliense e Estado de Minas. Eu me lembro que os três repetiram coisas que já tinham me falado várias vezes em outros encontros, sobre a necessidade de diferenciação dos veículos. Aquilo que você falou: está tudo muito nivelado, muito igual. E todos com o mesmo diagnóstico: tem que investir em reportagem, naquelas exclusivas, em furos, diferencial interpretativo sobre os fatos e não adianta repetir internet. Todos falaram a mesma coisa, mas ninguém faz. O diagnóstico está feito, todos concordam com isso. Por que não acontece?*



Alberto Dines

Dines – Porque são pragmáticos. Eles fazem diagnósticos incidentais por pragmatismo, mas não estão convictos, não são idealistas e não estão amarrados a grandes projetos.

J&Cia/P – Não seria porque continuam ganhando um dinheiro bom?

Dines – Não sei... Não poderia fazer esse tipo de juízo.

Kotscho – Completando a pergunta: faltaria mão-de-obra para isso?

Dines – Não, claro que não está faltando mão-de-obra. Tem sobrando. Há grandes jornalistas de todas as gerações. Da geração de 40, 50, 60 e 70. Eu me coloco disponível... (risos)

Kotscho – Não estão nas redações...

Dines – Não. E não estão porque os jornais não querem. E por que não querem? A mão-de-obra idosa é mais barata do que a mão-de-obra mais jovem. Você está aposentado, já tem seu carro, sua vida. Você toparia chegar: "Ah, qual o meu horário? É tal. Vou fazer!"

J&Cia/P – Por idealismo, não é?

Dines – Porra! É porque gosta e porque sabe fazer bem.

J&Cia/P – Usando um lugar-comum, falta decisão política...

Dines – Essa coisa absurda de vontade política. O que é vontade política?

J&Cia/P – Estivemos com o Roberto Civita em dois momentos e ele apostava em alguns projetos editoriais novos da Abril. Esses projetos estão lá, mas não explodiram. Parece que também na área de revistas não tem acontecido nenhum avanço significativo. Está faltando criatividade, mercado ou é outra coisa?

Dines – O mercado tem que ser acionado, cutucado, provocado. Essa passividade dos grandes empresários de dizer "não, o mercado não quer"... "O mercado não quer, não – eu vou fazer o mercado". E assim foi o Roberto Marinho, e assim foi o Frias, e assim foi o Civita com Realidade e Veja, e assim foi todo mundo. Você faz o mercado. Que história é essa?

J&Cia/P – A questão seria predominantemente de qualidade?

Dines – É isso. Tive um probleminha de saúde e ele (Civita) me convidou para almoçar. Agora, uns três meses atrás. Fui convidado para a festa dele, de 50 anos de casa, não pude ir porque estava no hospital e ele soube. Tenho uma relação boa e tal. Daí fomos almoçar. Estava na sala de espera vendo uma

coleção de uma nova revista da Abril e pensei: "Pô! Tem essa revistinha nova..." Falei pra ele: "Putá que pariu! Me dá essa revista que eu faço miséria e vou ajudar a Veja. Ao contrário, vou liberar a Veja desse ônus de ter que ser popular." Ele disse: "Ah, mas isso é uma quimera, e não sei o quê e tal..."

J&Cia/P – Falamos dos Frias, Civita, temos os Mesquita, Marinho, Saad, Abravanel, Sirotsky...

Dines – O nosso Silvio Santos – ou, se você quiser, o sr. Abravanel – detesta Jornalismo. Ele não gosta, despreza. Não tem nada a ver. Outro que detesta é o Tanure [Nelson]. Ele não gosta de Jornalismo. Ele compra os cadáveres do Jornalismo porque não gosta de Jornalismo.

J&Cia/P – ... Temos os Alzugaray, os Diários Associados, a Igreja Universal, as tevês públicas, gente que chegou mais recentemente, como J. Hawilla e a TV TEM e a Rede Bom Dia. Temos até algumas experiências interessantes. O Terra está fazendo Jornalismo sem ter outro veículo de comunicação. Está lançando coisa nova, contratando. O jornalismo brasileiro está em boas mãos?

Dines – Não, não está. Mas aí é questão da iniciativa privada. O que se vai fazer? Designar, decretar, nomear alguém para...?

J&Cia/P – É com essas pessoas que vai melhorar ou piorar.

Dines – Eu acho que há um campo muito bom no jornalismo público. Acho que a tevê pública... A TV Brasil tem um ano só, não dá para ver ainda seus resultados, mas acho que tem um caminho ali. A TV Cultura já deu grandes contribuições. Tenho a impressão de que voltará a dar. Então, temos na área pública uma abertura fantástica e na área privada também. Estou cansado de levar projetos para empresários, porque eu conheço todos eles. Eles não gostam de mim quando crítico, mas quando querem bater papo, estão aí. Há oportunidades fantásticas para ganhar dinheiro. Mas

ganhar dinheiro com o mínimo de qualidade e mesmo numa coisa popular como essa Revista da Semana.

Kotscho – Você falou que conversa muito com empresários, com os barões da imprensa, e repete sempre uma coisa com a qual eu concordo plenamente, que é um bordão seu: a mídia não discute a mídia. Quando você vai falar com eles...

Dines – Aí eles ficam putos.

Kotscho – Por que eles não querem discutir? Não abrem espaço. Discutem tudo no País, menos a mídia.

Dines – Porque não querem. Aí você vê, o presidente da República, que está muito bem indus-triado pelo Franklin Martins nessa entrevista, a cabeça dele... A gente vê o jeitão do Franklin: "Não briga com a institui-

ção. Fala mal dos jornalistas, mas não briga com a instituição." O Lula cumpriu, eu disse isso no meu artigo. Então, aí o Lula resolveu discutir o Jornalismo. Por isso eu falei que ele está convidado para o Observatório da Imprensa. Ele quer discutir o Jornalismo, ele não quer discutir os donos. É claro que eu acho que foi um acidente. A piauí não quis esperar até fevereiro, poderia dar 15 páginas. Seria um auê fantástico, mas perderam uma oportunidade. Mas eu acho que essa oportunidade tem que ser pega novamente. Tem que se discutir muito a imprensa. E sem rancores, sem demonização. Porque há esse problema que é o pessoal extremamente radical, que põe tudo no mesmo saco. Eles estão lá escrevendo no Observatório, mas não dá nem para tirar alguma ideia porque são de um radicalismo... Aí, esse radicalismo é financiado.

Kotscho – Você se refere aos comentários dos leitores ou também aos articulistas que escrevem no Observatório?

Dines – Articulistas não. São comentários dos leitores. E como nós somos realmente abertos, então tem gente de diferentes grupos e querem botar fogo no circo, expropriar e não sei o quê. Não faz sentido. Mas há um campo muito interessante para discutir a imprensa e

Essa passividade dos grandes empresários de dizer 'não, o mercado não quer'... 'O mercado não quer, não – eu vou fazer o mercado'. E assim foi o Roberto Marinho, e assim foi o Frias, e assim foi o Civita com Realidade e Veja, e assim foi todo mundo. Você faz o mercado. Que história é essa?

para melhorar a imprensa. Isso tem que ser feito não no Observatório, por mais que a gente tenha leitores...

Kotscho – Tinha que ser feito pela própria imprensa...

Dines – A própria imprensa.

J&Cia/P – Há uma experiência interessante que é essa dos gratuitos, que chegou mais forte aqui em São Paulo e está migrando para outras cidades, o Destak e o Metro.

Dines – Eu não sei. Estão indo bem?

J&Cia/P – Pelo que a gente vê, estão com publicidade, os leitores querem pegar o jornal, a gente vê na rua que a pessoa vai e procura. Em alguns outros países tem dado certo. Você tem um juízo sobre isso?

Dines – Não tenho. Gosto muito da imprensa popular. Uma das coisas de que mais me orgulho profissionalmente foram dois projetos. Evidentemente já acabaram, mas foram fascinantes. Um foi Fatos & Fotos, em que eu fiz uma revista com as sobras da Manchete. E eu era sabotado porque o **Arnaldo Niskier**, que era o chefe de Reportagem da Manchete, segurava as sobras, não me dava para eu não ter matéria. Ele não deixava. Era um pro-

jeto popular, não tinha cor, rodava de uma vez só. Era uma rodada só da rotogravura. Então, era um acabamento muito rápido. Bom, esse projeto não fui eu que criei. Eu cheguei lá, o Adolfo me chamou, para fazer o segundo número. O primeiro número quem fez foi o **Justino [Martins]**. Fez porque tinha que fazer aquele jogo de... Ele trabalhou comigo no Esporte, mas eu dirigi e fiquei lá muitos anos. Então, gosto desse projeto e acho que tem lugar para alguma coisa parecida, adaptada. E tem um que me fascina, que eu fiz e gostaria de retomar, que é o Diário da Noite, vespertino do Rio de Janeiro, porque aqui em São Paulo tinha outro Diário da Noite. Foi a última tentativa – penúltima, porque O Dia tentou recentemente – de salvar um jornal gigantesco, que tirava 200 mil exemplares; quando eu cheguei tinha 8 mil. Era enorme, papel verde, tinha se convertido, apesar do nome, em um matutino. Eu disse: "Ora, vamos dar um óleo canforado. Ou o paciente melhora e pula da cama ou acaba." E fizemos um tablóide, todo ele de madrugada. Eu tinha 26 anos, podia acordar às quatro da manhã.

Kotscho – Eu ouvi bem? Você disse: "Se me

chamarem eu gostaria de fazer." Se um maluco te chamar, um desses aí...?

Dines – Não para acordar às quatro da manhã. (risos)

Kotscho – Não necessariamente para acordar às quatro da manhã, mas para fazer um jornal popular. Você iria?

Dines – Com o maior prazer.

Kotscho – Aos 77 anos...

Dines – Eu acho que sim. Porque eu sei fazer bem um jornal padrão JB e sei fazer bem jornalismo popular. Tem uma revista que ia ser fechada na Abril, chamada Contigo. E como eu era vice-diretor do **Thomaz Souto Corrêa**, numa reunião daquelas falaram: "Ah, vamos fechar a Contigo." Essa coisa de fechar uma revista, para mim, é muito triste. Eu falei não, vamos tentar. Aí propus fazer como se fosse um jornal – sempre aquela ideia da Fatos & Fotos –, fingir que é um jornalzinho, mas é uma revista de fofoca. Parecia revista, mas era um jornalzinho, não sei o quê. Aí põe um ponto de exclamação. Isso foi em 80. Não se usava ponto de exclamação. Faz assim: Contigo! A revista deu uma melhorada espetacular.



Alberto Dines

J&Cia/P – *Está aí até hoje.*

Kotscho – *Está bem pra caramba.*

Dines – Não chamamos nenhum gênio para escrever. Se tivesse dois ou três colonistas populares... Porque no Diário da Noite, o que a gente fez? Popularizou, mas nós pusemos assim: Clarice Lispector escrevendo *ghost-writer* da Ilka Soares, que era mulher mais linda do Brasil naquele momento. Uma atriz...

Kotscho – *A Patrícia Pillar da época.*

Dines – Depois elas ficaram amigas. Então, tinha essa coluna. Tinha outra, eu tenho a impressão de que era da Maysa... Nós também pusemos a Maysa, se não me engano. O *ghost-writer* dela era o **Raul Giudicelli**, que está vivo. Eram vários nomes populares que davam o nome, mas não escreviam. O editorial era feito de madrugada, a seção internacional começava de madrugada, o colunista social saía do Sacha's e ia direto para a redação (**N. da R.**: Sacha's era uma boate famosa no Rio no final da década de 1950). É isso. Quer fazer um vespertino popular? É assim. O jornal começava zero, só tinha o esporte e o turfe da véspera.

J&Cia/P – *Parece que você leu a próxima*



Está faltando realmente disposição de converter todos os ideais em realidade. Todo mundo é idealista. Eu gostaria que esses pragmáticos se transformassem em idealistas. Ou aqueles que são idealistas esquecessem seu pragmatismo e tentassem testar o seu idealismo. Isso poderia dar a virada.

pergunta. Se você fosse convidado a criar um veículo e lhe fosse facultado definir a plataforma, em qual ele seria feito?

Dines – Eu adoraria fazer coisa impressa, porque não está esgotada. Eu adoro papel, a mística e a perenidade do papel. O papel é peregrino. Já falei isso como piada: se o Hipólito da Costa tivesse feito em 1808 o Correio Brasileiro na internet, não teria durado. Ele fez no papel e aqui você tem ele reproduzido. Porque aí ia dar um problema de sistema e ninguém ia ler. Eu tenho disquetes antigos, aqueles de cinco e meio, pretos, molinhos, do início, não são mais lidos, não tem mais sistema. Não há mais como lê-los. Não há mais *drive*. Felizmente, eu tive cabeça, e já uns dez anos atrás, em Portugal, eu falei: não, vou pas-

sar isso para o outro disquete, de três e meio. Que hoje também ninguém mais lê. Agora é só *pen drive*. Então, o negócio é o papel e tudo o que está envolvido com o papel. É caro, mas tem charme, é duradouro e por aí vai. Não adianta querer dizer que vai acabar.

J&Cia/P – *Mas as novas gerações não se sensibilizam muito com isso...*

Dines – Pior para delas! (risos)

Kotscho – *Todo mundo fala que a nova geração é só imagem, internet e aquele negócio todo. Lá na Brasileiros, a maioria das correspondências é de jovens que leem a revista, que é de matérias longas. A internet não pode servir de porta de entrada e depois vai procurar outras coisas?*

Dines – Mas é claro! Eu tenho quatro filhos,

dois homens e duas mulheres. O mais velho, sempre senti que ele tinha uma inclinação para música. Eu sou um músico frustrado. Estudei violino e composição. E eu queria... Mas ele queria rock e tal. Estou falando do princípio dos 70. Depois ele foi estudar piano com João Neschling, no Rio de Janeiro. Primeiro, ele é um sujeito altamente sofisticado. Ele toca para si mesmo. Estuda piano três, quatro, cinco horas por dia, para si mesmo, e tem um professor de vez em quando. Ele tem um negócio pela música erudita... Mas o que aconteceu? Ele fez o caminho natural, do bom gosto. Começou com bom gosto em rock.

Kotscho – *A porta de entrada...*

Dines – Então, o fato de começar na internet, tudo bem. Começou a ler, começa a gostar e quer levar o livro. Olha, tem exemplos inúmeros. Diz: "Ah, eu não leio, não consigo, não tenho paciência." E de repente as pessoas: "Ah, me empresta um livro"; "qual o livro bom de ficção para eu ler porque vou entrar de férias?"; Pronto, tem cinco títulos.

J&Cia/P – *Como um dos mais respeitados críticos e observadores da imprensa, o que você acha que tem em excesso e o que está faltando em termos editoriais em veículos?*

Dines – Está faltando realmente disposição de converter todos os ideais em realidade.

Todo mundo é idealista. Eu gostaria que esses pragmáticos se transformassem em idealistas. Ou aqueles que são idealistas esquecessem seu pragmatismo e tentassem testar o seu idealismo. Isso poderia dar a virada. E o que tem de pouco é justamente gente disposta a se sacrificar pelos seus ideais, não é? Pagar o preço. Tem uma frase inspirada em Spinoza, mas não foi escrita por ele: "não existe ética sem dor". A ética é um processo doloroso. A escolha ética é dolorosa. Se você não sofrer, não está levando as coisas às últimas consequências. Você tem que sofrer. A opção pela ética tem que ser dolorosa, você sabe que vai pagar um preço. Abrir mão de coisas, conforto e não sei o quê mais. O ideal é doloroso. Então, acho que está faltando um pouco desse idealismo. Nós, latinoamericanos, apesar do bolivarianismo e coisas do gênero, estamos muito desatentos ao nosso passado intelectual. A história cultural da América Latina é riquíssima, coisa que o Chávez, o Morales, todo mundo, inclusive aqui no Brasil, ignora. Esse é um continente que foi criado por grandes intelectuais, que se conheciam em Londres, exilados. O Bolívar, Francisco Miranda, venezuelano, o Hipólito da Costa, todos eles se conheciam, estavam lá em Londres. Intelectuais de altíssimo nível. Claro que eles

também perderam oportunidades, mas nós temos uma tradição. O Mitre, o fundador do La Nación, na Argentina, antes de ser político e presidente era jornalista profissional. E fez o La Nación e foi o presidente mais importante do início da Argentina. Nós temos uma tradição intelectual na América Latina – e idealista também – extremamente interessante e muito rica, que a gente simplesmente caga para ela, com o perdão da palavra.

Kotscho – *Essa palavra, idealismo. Há quanto tempo eu não ouço...*

Dines – A gente esquece esse passado, essa carga e fica na coisa do anti-imperialismo. Tudo bem. O anti-imperialismo é inevitável. Na medida em que você se afirma enquanto nação, tem que se libertar das nações que querem te sufocar. Isso é óbvio. Mas resgatar a sua herança cultural, isso não é óbvio e é isso que vai dar sentido. A Venezuela não vai ser nada enquanto o Chávez não investir em cultura. E ele não pode investir em cultura porque se afastou dos intelectuais, até daqueles que o defendiam. Isso é uma tragédia.

J&Cia/P – *Nós estamos falando em Chávez e lembro que em dezembro comemoramos 40 anos do AI-5. Lá atrás tivemos o DIP, que eu não conheço muito bem. E temos aí 25 anos de estrada mais ou menos democrática*

da República. Você acha que nós já estamos bem vacinados?

Dines – Não tenho dúvida. Nós e os outros, argentinos, uruguaios, chilenos, todo o sul do continente. O continente é uma espécie de filtro, a parte sul vai ficando mais densa.

J&Cia/P – *A questão do poder econômico é uma coisa que sempre toca muito a imprensa, pelas influências benéficas e maléficas que traz. A necessidade de gerar lucro por parte das empresas jornalísticas e o afã das organizações em interferir...*

Dines – Mas viva o lucro! Ninguém é contra o lucro.

J&Cia/P – *Mas isso tem mudado muito nos últimos anos?*

Dines – A contabilidade é que mudou. Agora tem auditorias e tal...

J&Cia/P – *Quer dizer, há mais veículos querendo fazer mais coisas comerciais? O dinheiro está sendo o motivo maior?*

Dines – Justamente porque o império da contabilidade reverteu um pouco a questão do resultado. Você tem um lampejo e logo tem um auditor do seu lado perguntando quanto vai custar e se vai ter resposta. Porque não se

pode contabilizar cada operação jornalística. Esse é um dos defeitos. Eles querem que todas as operações jornalísticas deem lucro. É como uma editora de livros que quer que todos os livros deem lucro. Não pode. Paulo Coelho, que é aquela porcaria, tem que sustentar 20 autores que não dão lucro. Agora, quando você começa a dizer que todos os livros dessa editora têm que dar lucro, aí está errado. É a mesma coisa no jornal. Todos os cadernos têm que dar resultado, anúncios e pesquisa. Está errado.

Kotscho – *Mas como calcular o prestígio que um jornal ganha com uma boa cobertura?*

Dines – Exatamente. Essa cobertura não é contabilizada. Você tem que pegar o conjunto e fazer a conta, e não as operações particulares. Mas vá dizer isso! Eu não sou contador, vou chegar e falar isso, aí o cara vai começar a me enrolar com alguma doutrina contábil e pronto. Eu me retiro. Então, precisa ter de algum contador uma visão menos esquemática da sua profissão, que ele venha trazer um contributo às minhas idéias. Mas quem faz isso é o regente da orquestra. Na orquestra, você tem o percussionista, o violino e a harpa.

É isso que está precisando fazer, não deixar o auditor dar a palavra final.

J&Cia/P – *Qual a sua opinião do governo Lula, em termos gerais?*

Dines – Olha, deixa eu dizer uma coisa. Eu acho que a gente não tem que dar opiniões políticas. Aliás, eu vou dar depois, mas não é importante, porque aí você começa a estabelecer diferenças. Eu sou e gostaria de ser o



foto: Samuel Iavelberg (Câmara 1)



Alberto Dines

homem dos denominadores comuns. O que está faltando no Brasil é buscar igualdade – comunicação, na realidade. Buscar identidade com o outro. Quando você começa a colocar suas opiniões políticas na frente de tudo, vai ter a antipatia de pessoas com quem poderia se dar admiravelmente bem. Essa politização em um país que ainda não é suficientemente civilizado é errada. Você tem que saber chegar e conversar com o seu adversário político, mas ele não é seu adversário pessoal. Dito isto, eu respondo a sua pergunta.

Kotscho – *Você nota essa radicalização que existe hoje, principalmente na internet?*

Dines – Tem. Contra o Fernando Henrique também tinha. É um negócio absurdo. Eu sou contra e gostaria de me dar com esse ou aque-

le da mesma forma, embora divergisse. Mas acho o seguinte: o governo Lula soube aproveitar muito bem o empuxo que recebeu. Não foi uma herança maldita, foi uma herança e ponto! Aproveitou muito bem, as condições externas eram extremamente favoráveis e foram extremamente bem utilizadas, porque se não fossem não iria dar certo. Ele é um equilibrista, que eu chamaria até de genial, porque tudo, no fundo, ele está contemporizando. Até quando ele é radical e parece ser um irracional, ele está tentando contemporizar para evitar que a coisa saia do seu controle. É um equilibrista. Mas creio que nós vamos ter que passar para uma outra fase. Ele deu o que tinha que dar, com sua capacidade de comunicação e de saber se equilibrar, con-

seguir segurar aí as coisas. Mas vai chegar o momento em que vamos precisar ter uma nova fase. Qual é a fase? Eu não sei se a Dilma pode dar ou o Serra.

J&Cia/P – *Tem algum palpito?*

Dines – Não. Cada vez mais estou afastado da política. Quer dizer, cada vez mais me interessar por política, mas cada vez menos me interessar por partidos.

J&Cia/P – *O que você pensa sobre a elite empresarial, acadêmica, política etc.?*

Dines – São diferentes. A acadêmica o teu seria seríssimas restrições. Penso que a academia no Brasil é um desastre. E não estou com isso tentando justificar o fato de eu ter apenas o 2º Científico. Tenho notório saber, o diabo. Não estou justificando. É que ela é um desastre, é burocratizada, se perdeu, não tem idealismo. Ela acha que tem idealismo, mas não tem, e aí subverte a parte científica. Para mim, a academia é muito fraca. Ela não está dando o suporte civilizatório que o Brasil precisa e que outros países têm. Não na América Latina, talvez, mas na Europa você tem suportes muito interessantes, na França e Espanha. Então, separe a elite acadêmica. A elite eco-

Não se pode contabilizar cada operação jornalística. Esse é um dos defeitos. Eles querem que todas as operações jornalísticas deem lucro. (...) Todos os cadernos têm que dar resultado, anúncios e pesquisa. Está errado.



nômica teve grandes nomes. Há empresários aí com condições intelectuais extremamente interessantes, mas acho que eles são minoria. O Skaf [Paulo, presidente da Fiesp], por exemplo, é muito menos preparado pessoalmente do que o antecessor dele, que era o Horácio Lafer Piva.

J&Cia/P – *Skaf é um pragmático.*

Dines – Demais, demais, demais (risos). Então você vê que há no processo brasileiro, que envolve o Jornalismo, uma degradação que acontece em todos os níveis.

J&Cia/P – *E têm despontado boas cabeças nesse pessoal mais novo?*

Dines – Tem alguns desses Golden Boys, que ficaram ricos no mercado financeiro e que estão querendo reverter isso, mas ainda não apareceram. E também tem o lado moral. Muitos deles ficaram ricos no mercado finan-

ceiro e acabaram se enrolando também no mercado financeiro. Porque há outro problema aí, mundial, que é a degradação moral provocada por esse capitalismo selvagem e essa ganância financeira sistematizada. Essa é uma ganância terrível. Esse negócio de bônus é uma irresponsabilidade. Mas quais são os jornais brasileiros que têm coragem de investir contra o bônus? Poucos, porque o bônus está implantado hoje nas grandes empresas jornalísticas brasileiras. Nunca houve isso. Sempre teve grandes salários, bons salários – quer dizer, grandes salários para pouca gente –, mas o bônus não existia. De repente, o bônus virou um negócio e você faz qualquer coisa. E eles fizeram o diabo com a economia americana. Destruíram. O Lehman Brothers é um caso, um banco centenário e foi destruído. Teve o caso de um francês que deu o maior trambi-

que no final de 2006 e foi logo pego... Daí ele falou: "Olha, eu fiz tudo porque queria aumentar a minha performance, porque iria ganhar um bônus fantástico". Eu comentei muito isso. Mas a imprensa brasileira deu [faz o gesto de nada], porque a imprensa brasileira não quer discutir. Primeiro, o problema do capitalismo tem que ser discutido. Mas ninguém quer discutir o capitalismo porque, "ah, vai mexer com o *business*, com o *core business*" dele, que é capitalista.

Kotscho – *Vou repetir aqui uma pergunta que o Josemar Gimenez fez naquele debate. Quando os grandes colunistas, editores, pintam a crise muito maior do que ela é, antecipam as consequências e dizem que o mundo vai acabar, eles não estão acabando com o próprio negócio deles? Porque, se está tudo tão ruim, tudo uma merda, quem vai anunciar?*

Dines – Não sei se eles fazem isso com tanto rigor. Eles fazem isso mais *pour épater*, para impressionar as galerias. Porque uma análise sistemática dos erros do capitalismo selvagem dos últimos quatro ou cinco anos seria arrasadora e eu não tenho lido isso na imprensa.

Kotscho – *Eu me refiro à forma como eles pintam o tamanho das consequências dessa crise. O Josemar falou que anteciparam, aumentaram e amplificaram as consequências.*

O que eu gostaria é de entregar o bastão {do OI}, porque quero fazer outras coisas e tenho pouco tempo. Tem um relógio ali na frente e tem uma ampulheta também, não só a do computador. Eu tenho uma pauta muito grande de coisas que quero escrever.

Isso não pode prejudicar os negócios de jornais e revistas?

Dines – Pode, mas o jornal devia ter previsto isso e não deveria ter entrado nas bolhas. Porque houve pelo menos duas bolhas dessas. Uma foi a da internet, em que a mídia entrou de cabeça, fim dos 90. Aqui no Brasil, houve coisas absurdas. E a bolha imobiliária, em que a imprensa se deixou seduzir sem perceber onde ia dar. A imprensa americana tinha obrigação de fazer isso e não fez. E a brasileira entrou na coisa imobiliária. Teve momentos – estamos falando de 2008 – em que ainda não tinha fechado a americana e me lembro que eu pegava uma edição de domingo e dizia: "Gente, esse troço ainda vai acabar mal!" Era muito lançamento. Os jornais não tinham nem mais capa. Vinham em um envelope da loja de imóveis. Uma coisa absurda! Felizmente não estourou – ainda, porque eles parecem que estão continuando a fazer as obras, vão entregar essas obras. Vamos ver se vão entregar. Mas a imprensa não reagiu.

J&Cia/P – *O Observatório da Imprensa completar 13 anos é um feito em termos de Brasil. Ele, hoje, tem a estatura que você imagi-*

nou ou ainda precisa avançar? Quais planos você tem para ele?

Dines – Eu não tenho planos. O plano que eu tenho para o Observatório é o de criar condições para que eu possa sair dele.

J&Cia/P – *Quem será o seu herdeiro?*

Dines – Eu não sei. Há várias pessoas fantásticas trabalhando na equipe, da diretoria, do instituto. Precisamos ter recursos para contratá-los, como todas as pessoas que estão envolvidas. O que eu gostaria é de entregar o bastão, porque quero fazer outras coisas e tenho pouco tempo. Tem um relógio ali na frente e tem uma ampulheta também, não só a do computador. Eu tenho uma pauta muito grande de coisas que quero escrever. É grande mesmo e eu gostaria de...

Kotscho – *Não tem um próximo livro seu que está para sair?*

Dines – Esse Stefan Zweig é uma praga para mim, porque eu já reescrevi... (risos) É uma praga, mas ao mesmo tempo é importantíssimo. Não existe biografia definitiva. Existem aí alguns biógrafos brasileiros das novas gerações que fazem uma biografia e estão se lixando para corrigir e melhorar. Saem 20 e tan-

tas edições e não trocam uma vírgula. Então, eu lancei a primeira edição em novembro de 81, em dezembro já saiu uma segunda edição com, eu não diria correções, mas pequeninos acréscimos, porque não podia mexer na paginação, ainda era chumbo. Depois, passei três, quatro anos – não, dez anos – e fiz a terceira edição, isso em Português. A edição alemã foi completamente reescrita, quer dizer, a minha base foi completamente reescrita e agora também a espanhola. É um novo livro, com muito mais coisas, muito mais arredondado. Uma coisa que eu escrevi em 81, 80, agora entendi porque escrevi aquilo e arredondei tudo isso. Mas acabou, não tem mais. Então, isso levou tempo, levou 25 anos. Mas me deu condições, me enriqueceu... Não porque o Stefan Zweig seja fantástico, não; a vida dele sim. Ao mergulhar na vida dele e na obra dele... Há escritores muito melhores do que ele. Thomas Mann é muito melhor, mas Thomas Mann desapareceu e ele está aí.

J&Cia/P – *Na sua rotina de trabalho, quanto você dedica ao Observatório?*

Dines – Nesse momento estou de férias do Observatório, mas escrevi ontem, à meia-noi-



Alberto Dines

te, um artigo. Difícil, porque são vários observatórios e eu estava mais ou menos envolvido com todos. O programa eu faço, apresento, pauta...

Kotscho – *Você ainda vai para o Rio apresentar?*

Dines – Vou toda semana. Não agora, porque são férias da equipe. Além da semana toda, isso me toma dois dias. Um dia para ir – o programa termina tarde –, outro dia eu tenho que ficar ou ir para lá, porque sou carioca e tenho coisas a fazer no Rio. Terça e quarta eu fico no Rio. A minha semana já fica encurtada, aí tenho que avançar no fim-de-semana. Depois, eu sou um leitor de jornais...

J&Cia/P – *Quantos por dia?*

Dines – Todos os daqui.

J&Cia/P – *Só por obrigação ou tem algum que é por prazer?*

Dines – Eu tenho prazer de saber o que está se passando. É uma necessidade prazerosa. O dia em que não leio jornal sinto que não faço parte do mundo. E mesmo que eu recorra à internet ou à televisão, ela não me dá... A letrinha me dá. Então, eu tenho que ler o Estadão, a Folha, O Globo, o Valor. O Globo che-

ga aqui, a primeirinha dele. As revistas, todas. El País de sábado, domingo e segunda, e The Economist. Sou assinante da Economist desde Portugal, desde 89, quando fui lançar a revista Exame lá e aí precisava ter uma base de jornalismo econômico que não tinha. Assinei e nunca mais parei.

J&Cia/P – *Ao longo do seu caminho você construiu sólidas amizades...*

Dines – E muitas inimizades... (risos)

J&Cia/P – *... e tem merecido reconhecimento de grande parte dos jornalistas e da sociedade, pelo seu trabalho. Também tem colecionado desafetos...*

Dines – Muitos.

J&Cia/P – *Como é lidar com o corporativismo, que no jornalismo nem é muito diferente das outras profissões?*

Dines – É muito pior. Justamente porque o jornalista detinha uma intocabilidade, ele tinha uma posição olímpica... Eu posso contar uma coisa para vocês. Quando o Frias se convenceu de que eu podia fazer o *Jornal dos Jornais* lá, ele disse: "Então tá bom, faz". Não ia custar nada para ele. Eu já estava lá mesmo e ia ficar feliz. O Cláudio Abramo aqui, ele ali, o

Frias botou a mão em mim e disse: "Mas, olha, não diga que eu não te avisei. Você vai arranjar muito inimigo!" Ele não sabe que eu arranjiar inimigos lá na casa dele. (risos)

Kotscho – *Quanto tempo durou o Jornal dos Jornais?*

Dines – Dois anos, de 75 a 77. Quando eu lancei mesmo – era uma época dura, em que o jornalista devia ficar a favor porque eu estava ali denunciando a autocensura –, tinha gente da profissão que... O *Jornal dos Jornais* foi lançado em julho de 75. No fim do ano eu fiz uma coisa, coisa de fim de ano, *A Vez dos Criticados*, em que queria que os jornalistas que dirigiam os veículos, que tinham sido observados, falassem sobre isso. Foi incrível. Eu recebi – não tinha e-mail naquela época – muitas mensagens no telex, pessoais: "Seu trabalho é muito bom, muito importante!" Mas o texto que eles mandavam para publicar, entre aspas, era antagônico às mensagens pessoais: "inflexível e não sei o quê." E alguns diziam: "Não, você não devia revelar as fragilidades da profissão e os segredos jornalísticos." Gente que infelizmente já morreu, amigos meus, que falavam: "Pô, você não devia

falar disso, tem coisas que não deveriam ser divulgadas, são segredos da profissão". Naquela época houve pouca simpatia e hoje também. O meu nome está formalmente embargado em grande parte da mídia e cada vez aumenta mais. Às vezes justamente por causa dessas posições que eu tomo. Essa coisa do bicentenário criou muito incômodo porque eu botei a mão na ferida. O que eu fico triste é que os sindicatos, a federação, deviam pegar essa bandeira e dizer: "Porra, por que não se comemorou?" Moita! Porque eles não estudam a história da imprensa. Eu fiquei falando sozinho "porra, o Hipólito da Costa..."

Kotscho – *Esses últimos, sindicatos e federação, acho que foi muito mais por desconhecimento do que por má-fé.*

J&Cia/P – *Você é casado com uma mulher também reconhecida como uma jornalista excepcional. Em que medida ela foi importante no rumo que a sua carreira tomou? Ou você na carreira dela?*

Dines – Eu fui professor da Norma na PUC. Ela estava casada, eu estava casado. Depois ela veio trabalhar no JB e nada tinha a ver comigo. Ela estava no caderno infantil junto com a **Ana Arruda (Callado)**, que o dirigia na minha fase. Ana Arruda é uma grande jornalista, uma grande repórter, mas naquela fase ela

havia sido demitida pelo Brito e eu a trouxe de volta. Como ela estava envolvida com uma enciclopédia infantil da Delta Larousse, passou a dirigir o caderno infantil e a Norma trabalhava com ela. Ali nos encontramos várias vezes mas não havia nada. Também encontrei com ela na Universidade de Columbia, onde fui professor visitante. Então, minha carreira e a dela se cruzaram em diversas oportunidades. E diante da vida que levo, sem emprego formal, sem uma série de convenções, só mesmo uma jornalista para partilhar isso. E aí houve uma coisa engraçada, porque tivemos que criar uma empresa – hoje todo jornalista precisa ter uma empresa. Em 1985, para eu ganhar um salário extra numa subsidiária da Abril, tinha que dar nota fiscal. Então me lembrei da Associated Press e fundei com a Norma a Jornalistas Associados. Não lembro se já estávamos ou não formalmente casados,

mas fizemos essa firma de duas pessoas. É complicado nessa situação em que eu vivo achar um par que não seja jornalista. Mas não é impossível...

J&Cia/P – *Seus filhos são do primeiro casamento, certo?*

Dines – Sim, do primeiro casamento.

J&Cia/P – *Algum deles seguiu a carreira?*

Dines – Todos passaram pelo Jornalismo. O mais velho chegou a fazer até o 2º ano na PUC do Rio, mas parou para se dedicar à música, foi para os Estados Unidos...

J&Cia/P – *Qual o nome dele?*

Dines – **Arnaldo Dines**. Ele é primo do Arnaldo Bloch. A minha primeira mulher era Bloch, tia do Arnaldo Bloch. Meu filho foi para os Estados Unidos, estudar na Julliard (**N. da R.** – uma das principais escolas de música, dança e teatro do mundo), e depois o Adolpho Bloch o pegou para ajudar a fazer a TV Manchete.



O meu nome está formalmente embargado em grande parte da mídia e cada vez aumenta mais. Às vezes justamente por causa dessas posições que eu tomo. Essa coisa do bicentenário criou muito incômodo porque eu botei a mão na ferida.

Então, ele teve essa passagem pela televisão. E pelo Jornalismo também, pois foi chefe da sucursal lá em Nova York. Ele ajuda o Observatório da Imprensa desde a fundação. Três ou quatro vezes por semana faz a triagem e manda todo o material que a imprensa americana publica sobre mídia. E faz isso por prazer. Esse é o mais velho. Uma das gêmeas, **Débora Dines**, formou-se em Jornalismo na PUC-Rio, tem mestrado em Televisão na New York University, trabalhou na TV Globo do Rio, mas hoje é uma *globe-trotter*. Viveu quatro anos em Taiwan, estudando chinês, é fluente em mandarim, e agora me surpreendeu: foi para a Índia estudar budismo, está lá no Norte da Índia. Mas escreveu inclusive nas revistas da Abril sobre vida alternativa, é muito ligada a isso. A outra, **Liana (Dines)**, que vive na Inglaterra, trabalhou no serviço brasileiro da BBC. E o mais novo, **Alexandre (Dines)**, que vive no Rio, é formado em Jornalismo pela PUC, trabalhou na Manchete, na TVE, na Band Rio, trabalhava muito bem com edição até que se encheu e...

J&Cia/P – *Quer dizer então que o único que continua na profissão é o pai?*

Dines – É o pai...

J&Cia/P – *Economicamente, foi uma boa opção ter abraçado o Jornalismo?*

Dines – Ah, não! Acho que eu podia ter ganhado bem mais do que isso... Mas não era essa, nunca foi... A gente sempre queria ser aumentado, ganhar mais e melhor, mas ninguém pretendia ficar rico.

J&Cia/P – *Você teve influência familiar no começo da carreira?*

Dines – Eu descobri recentemente que meu pai foi jornalista na Polônia. Quer dizer, jornalista... Ele era um militante social. Sempre se envolveu com a questão da organização social dos judeus na Polônia, organizações de refugiados, de imigração. Era um profissional disso, tinha cursos de secretariado. E como estou organizando a papelada dele, descobri várias carteiras de jornalista. Essas entidades em que ele trabalhava tinham seus órgãos e ele então se registrava. Tem três ou quatro carteiras de jornalista em Polonês e em Iídiche. Quando veio pra cá, participou da direção de um jornal importante do Rio de Janeiro, chamado Imprensa Israelita, sionista de esquerda – o dono foi preso pelo Getúlio Var-

gas, depois foi solto –, era um jornal progressista. Minha mãe era uma intelectual. Fazia ginásio na Rússia, o que na época era incomum... Sempre me incentivou a escrever. Sempre fui muito estimulado. Mas no dia em que eu parei de estudar, ninguém abriu o bico lá.

J&Cia/P – *Também porque sua decisão foi ideológica, não é?*

Dines – Antiburgesa.

J&Cia/P – *Para provar que não era burguês, não tirou o diploma...*

Dines – É. O Paulo Singer, que era do mesmo grupo, terminou o curso dele. Acho que ele é mais velho do que eu. Mas eu disse não, vou levar minha posição até as últimas consequências e parei de estudar.

J&Cia/P – *No tempo em que você foi empregado, você mais se demitiu ou mais foi demitido?*

Dines – (risos) Da Folha fui demitido três vezes. Do JB fui demitido duas vezes. No Globo nunca trabalhei. No Estadão também não. Na Abril eu pedi demissão, aqui e em Portugal. Lá saí de uma empresa, que era a Abril, e entrei na do Balsemão. Depois, quando achei que



Alberto Dines

era hora de voltar, pedi demissão. Ah, fui demitido também pelo Maluf. Ele tinha uma rádio no Rio, chamada Rádio Capital. Estou falando de uma época... O Cláudio Abramo era vivo... Anos 70... Tinha aqui e no Rio. Edvaldo Alves da Silva era o diretor. O Cláudio disse que ia me recomendar, pra fazer um comentário, mas avisou: "Olha, eles são malufistas". Eu falei: "Tá bom! Vou meter o pau no Maluf" (risos) Fiquei pouco tempo, mas está na minha Carteira Profissional.

J&Cia/P – *Você é religioso?*

Dines – Não. Ao contrário. Eu diria... Não sou ateu, sou agnóstico. Respeito as religiões. São coisas muito bonitas. Tenho uma grande fascinação por qualquer espetáculo religioso. Claro que o judaico eu conheço, mas não perco uma missa... Lá no Rio tem o Mosteiro de São Bento, que é uma coisa que faz bem à alma. Fica em cima da Baía da Guanabara, foi construído em mil seiscentos e pouco. O espetáculo religioso me afeta, é uma coisa muito bonita. Mas eu sou anticlerical, acho que a fé é uma coisa individual. É claro que precisa haver o rabino, que é um guia, o mufti ou o sacerdote, o abade. Mas abomino

a organização política da religião porque ela sempre deu mau resultado. Conheço bem a história da Inquisição, sobretudo a Inquisição portuguesa, e é uma aberração clara do que é o fanatismo religioso, das perversidades que se cometem em nome de Deus. Estou escrevendo um livro sobre isso, *Os vínculos do fogo*. Ainda não acabei. Essa é uma das tarefas que eu preciso terminar porque tenho ainda muita coisa a dizer. Mas, em suma, acho que a religião tem o seu lugar no âmbito individual, mas ela não pode transbordar para a política. Hoje, onde você vê os males do mundo tem religião, a mistura de religião com política. E as guerras. Todas as guerras que estão aí são religiosas. No Oriente Médio e as outras também.



“Acho que a religião tem o seu lugar no âmbito individual, mas ela não pode transbordar para a política. Hoje, onde você vê os males do mundo tem religião, a mistura de religião com política. E as guerras. Todas as guerras que estão aí são religiosas.”

páginas; tudo é bom. É o terceiro exemplar em que faço isso. Um livro espetacular. Latinoamericano. É aqui que você tem a cultura latinoamericana que as pessoas... Ah, dizem, Borges, Borges, Borges... Você viu as conversas dele com o Sabato? Eles eram inimigos... Quer dizer, adversários. Militavam em posições diferentes. Mas tem um encontro esse livro... É genial! Quero repetir, fazer o meu comercial: chama-se *Borges/Sabato – Diálogos*, Editora Globo, compilado por Orlando Barone, que é um argentino, com a tradução muito boa da Maria Paula Gurgel Ribeiro, e foi editado no Brasil em 2005. Esse livro estava esquecido, mas é um livro que você tem que ler sempre, porque as coisas que são ditas... Então, não posso dizer que tenho um livro preferido. Tem esse autor aqui, que está muito em voga, o Tony Judt, historiador inglês, está em Português mas as coisas novas dele ainda

não foram traduzidas. Esse negócio da II Guerra Mundial me interessa muito. Primeiro, porque nós temos 70 anos da guerra, agora. Foi o acontecimento mais importante dos últimos 500 anos. Isso é pacífico. Ali surgiu o nazismo, o fascismo, o comunismo, quer dizer, o stalinismo... Surgiu e acabou. Surgiu a Guerra Fria, a bomba atômica. Tudo: Stalin, Israel, a partilha, o holocausto, a solução final. Você cita um problema e o DNA dele está na II Guerra.

J&Cia/P – *Quantas línguas você lê?*

Dines – Italiano eu não gosto muito. Inglês, Francês, Espanhol e, nos últimos anos, Alemão. Eu falo mal Alemão por causa do Ídiche. Ele me atrapalha, porque são tão parecidos que eu tropeço e acabo falando Ídiche; mas leio.

J&Cia/P – *Dines, um rápido pingue-pongue para encerrarmos. Uma pessoa inesquecível...*

Dines – Já que estamos falando em Jornalis-

J&Cia/P – *Quais os seus autores e obras preferidos?*

Dines – Não tenho...

J&Cia/P – *Stefan Zweig?*

Dines – Não. Sou um profundo conhecedor da obra de Stefan Zweig, mas...

J&Cia/P – *Não é um admirador...*

Dines – Faço restrições... Outro dia estava procurando uma coisa e caiu na minha cabeça, literalmente, um livro admirável. Esse foi o terceiro exemplar que eu comprei. São diálogos entre o Borges {Jorge Luís} e o Ernesto Sabato. Sabato é vivo ainda, tem oitenta e poucos anos; Borges morreu. Essa é uma iniciativa espetacular. Foi editado em Português, pela Globo. Muito bem resumido. Comecei a riscar o livro e vi que riscava todas as



“O Brasil precisa do Rio de Janeiro restaurado, produzido e equiparado. Porque São Paulo tem o profissionalismo e a grana para projetar isso nacionalmente. O Rio de Janeiro – faço questão de dar ênfase a isso – não é só um amor, é uma necessidade geopolítica.”

Rio. Sabe por quê? Não é pelo Rio, é por São Paulo. São Paulo precisa ter um pólo, o contrapoder, tem que se complementar. Acho que quando tivermos o trem-bala e essas coisas, formaremos uma megalópole; mas isso demora ainda, vinte anos ou mais. Mas São Paulo não pode ficar sozinha. O Rio tem que ser recuperado, tem que voltar a ser um centro cultural importante. Ele tem um potencial que não pode ser desprezado. Infelizmente o César Maia pisou na bola. Eu gosto dele. Mas pirou no final e essa Cidade da Música foi a coisa mais estúpida que já vi um governante fazer. Jogar fora R\$ 500 milhões na Miami do Rio de Janeiro quando você tem o centro da cidade que às 6h da noite fica vazio, com equipamentos extraordinários. O centro da cidade do Rio de Janeiro é uma coisa que poucas cidades têm. O Theatro Municipal, com o Museu de Belas Artes ao lado – ele deveria funcionar à noite; a Biblioteca Nacional... Eu fiz questão de lançar o meu livro sobre a Inquisição no foyer da Biblioteca Nacional porque estudei lá. Ao lado fica o antigo STF, agora um centro cultural, cinemas... A Lapa está renascendo não por

iniciativa do Governo, mas por causa de alguns malucos que foram lá fazer um teatrinho, depois um restauantezinho, uma coisa e outra. Eu vivo na Lapa porque a TV Brasil é na Gomes Freire. Então, o Brasil precisa do Rio de Janeiro restaurado, produzido e equiparado. Porque São Paulo tem o profissionalismo e a grana para projetar isso nacionalmente. O Rio de Janeiro – faço questão de dar ênfase a isso – não é só um amor, é uma necessidade geopolítica.

J&Cia/P – *Um fato marcante... Você falou da II Guerra, mas, enfim...*

Dines – Continua sendo a II Guerra.

J&Cia/P – *Uma reportagem memorável...*

Dines – Que eu li ou que eu escrevi?

J&Cia/P – *Que te marcou.*

Dines – ...Não lembro. Passo!

J&Cia/P – *Um filme...*

Dines – Ih!... Eu gosto muito do cinema americano dos anos 1940, início dos anos 50. Todo ele, seja *western*... Há os alemães todos, tipo Preminger {Otto}, Billy Wilder – alemães não, austríacos –, que trouxeram para Hollywood uma densidade extraordinária, e há os próprios diretores americanos...

Filmes de faroeste, de gangsteres... *Scarface* foi feito duas ou três vezes, todas as versões são muito boas... *The front page*, *A primeira página*, que é uma peça sobre Jornalismo, atual até hoje. Não posso citar um filme, mas o cinema americano...

J&Cia/P – *A montanha dos sete abutres, também sobre Jornalismo...*

Dines – É. Chamava *Big Carnival*. Billy Wilder, que muita gente pensa que era americano, foi repórter em Viena. E ele foi contemporâneo do primeiro crítico de mídia da história moderna, que é o Karl Kraus, um vienense, que criticava muito a imprensa. Em seu livro de memórias, Billy cita o Karl Kraus. Tem também a II Guerra... Porque houve uma transfusão de mundos extraordinária. Claro que estavam fugindo, mas a transfusão de cultura da Europa para os Estados Unidos... E foi um cara, um sujeito chamado Varian Fry, um americano, professor de grego e latim, que foi para Marselha e organizou um negócio de refugiados que fez passarem quase duas mil pessoas, como Hanna Arendt, Marc Chagall e outros. Fizeram um filmezinho sobre ele, mas acho mediocre. Um dos livros que li recente-



Alberto Dines

mente é sobre o Varian Fry. Ele fez essa transição, que é muito bonita. Muitos dos fugitivos que ele ajudou vieram para o Brasil.

J&Cia/P – *Uma peça de teatro...*

Dines – Acho que *A morte do caixeiro viajante* (N. da R.: do norte-americano Arthur Miller) é uma peça que a gente precisa rever sempre. É sobre a estrutura da família, dos ideais intocados... É uma peça muito boa.



J&Cia/P – *Uma atriz e um ator...*

Dines – Um ator que morreu agora, por quem sempre tive a maior admiração, é Fernando Torres, pai da Fernanda e marido da Fernanda. Conheci o casal quando ela ainda não se chamava Fernanda Montenegro. Chamava Arlete.

J&Cia/P – *Quem usou o nome de Arlete foi a irmã dela, Arlete Montenegro, também atriz.*

Dines – Ah, é? Em suma, os conheci na Rádio MEC, eles tinham um programa de teatro e eu tinha um de cinema. Eu gosto muito da Fernanda, claro. É uma atriz extraordinária. E está imbatível, não há outra. Ela é o teatro. E o Fernando, que podia não ser assim um Paulo Autran, mas quando pegava um papel era de uma tamanha inteligência... O Paulo Autran era genial, mas aí já é outro nível... Fernanda e Fernando.

J&Cia/P – *Uma música...*

Dines – Ih, rapaz, complicou... Primeiro, o seguinte: eu sou muito eclético. Toda a verdadeira música popular brasileira... Estou me referindo inclusive aos pioneiros do início do Século XX, a seresta, o sambão, o samba de raiz, eu gosto muito, mas muito mesmo. A

bossa nova, aquilo que vem junto com a bossa nova, o samba de boate, de dor-de-cotovelo, tem muito a ver comigo. Mas depois desse período tenho complicações com a música brasileira.

J&Cia/P – *Por falar nisso, você chegou a ver alguma coisa desse especial da TV Globo sobre a Maysa?*

Dines – Desse, não. Mas a conheci bem. A primeira capa dela fui eu que dei, na Manchete. Até levei uma bronca do Adolpho porque peguei aquele olhar dela e dei um *big close*. O Adolpho, que era um rústico, falou: "Ah, estragou a capa!" (risos) Mas o meu alimento é música erudita. Não vivo sem ela. Quando a antena da Rádio Cultura ficou três meses sem funcionar, eu ligava todo dia pra **Gioconda**

Bordon (N. da R.: diretora do Núcleo de Rádio da Fundação Padre Anchieta) e dizia: "Gioconda, você está me desestruturando!" (risos) Mas dessa área acho que realmente alguma coisa eu entendo. Embora eu seja do Conselho da Osesp (Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo), gosto mesmo é de música de câmara. Consegui comprar a série completa, com 37 CDs, do Schubert, as can-

ções, que são extraordinárias. Estou por aí, mais na música de câmara, romântica ou pós-romântica. Conheci o Villa-Lobos, que também entra nas minhas afeições. Ele jogava sinuca na ABI, onde eu ia todos os dias, à tarde. Não que ele chegasse e dissesse: "Oh, Dines..." Eu era um garoto, fazendo *frilas*, e a ABI tinha lá num andar uns tabiques com máquinas de escrever Olivetti, grandes, laudas, lápis, e a gente ia lá escrever as matérias.

J&Cia/P – *Um político que tenha te marcado...*

Kotscho – *Paulo Maluf?*

Dines – (risos) Que me odeia, me odeia, me odeia. (risos) Mas está bem... Nós temos grandes figuras na política brasileira. Acho que todas mortas... (risos) Por exemplo: eu vejo o Getúlio Vargas muito criticamente, mas ele foi um gênio geopolítico. Claro que tinha ao lado um outro gênio, chamado Lourival Fontes, que era fascista. Fascista no sentido teórico. Mussolini (Benito), numa entrevista famosa que deu, disse que havia três pessoas que entendiam de fascismo fora da Itália; Lourival Fontes era uma delas. Mas foi Lourival que empurrou Ge-

túlio, depois de 1945, para fazer o PTB, pois queria fazer o Labour Party, o Partido Trabalhista inglês. Não conseguiu, porque a base peleguista esculhambou. Pena que Getúlio se cerrou mal. Ele foi um estadista, não um político. Houve um figura que o ajudou muito, muitas vezes criticando, que foi Oswaldo Aranha. Amigo pessoal, braço-direito em alguns momentos, adversário em outros.

J&Cia/P – *Um grande brasileiro...*

Dines – (risos) Kotscho! (risos) Como todo grande brasileiro, é filho de imigrantes.

Kotscho – *Minha avó materna é russa também. Sabe de onde é meu pai? Da Bessarábia...*

Dines – Que é perto da Ucrânia, perto da minha...

Kotscho – *Tudo a mesma coisa...*

Dines – Nós somos filhos do mundo. Todos, todos...

J&Cia/P – *Uma invenção...*

Dines – O tipo móvel.

J&Cia/P – *Um sonho...*

Kotscho – *Que me deixem em paz, terminem essa entrevista... (risos)*

foto: Samuel Iavelberg (Câmera 1)



Expediente

PROTAGONISTAS da Imprensa Brasileira é um informativo produzido pela M&A Publicações e Eventos • Tel. 11-5572-9700 • Diretor e Editor Responsável: **Eduardo Ribeiro** (eduribeiro@jornalistasecia.com.br) • Editor Executivo: **Wilson Barancelli** (barancelli@jornalistasecia.com.br) • Assistente: **Luiz Anversa** (luizanversa@jornalistasecia.com.br) • Projeto Gráfico e Diagramação: **Paulo Sant'Ana** (pr-santana@uol.com.br) • Circulação e Publicidade: **Silvio Ribeiro** (silvio@jornalistasecia.com.br).